

Dia da Caça

EDUARDO CAMPOS

Dia da Caça

C O N T O S

Fortaleza
1980

*Macduff: Duras de conciliar são tantas coisas.
Boas e más.*

MACBETH, ATO IV – SHAKESPEARE

SUMÁRIO

Dia da caça	9
Terra de Marlboro	19
A Falecida do marinheiro longamente ausente	27
Buquês de noiva	35
Não se matar, matar	43
A Costureira e os sucessos duvidosos do amor	51
Domingo diferente dos outros	59
Princesa preta	67
Rei dos fotógrafos	73
O Campeão consumido	81
Os Entremeios do casamento	89
Os Descrimes do amor	95
Desadoração em família	103
Festa de boi	111
Afonso e Genoveva	119

Dia da caça

Ao ver a espingarda de cartucho, ela pasmou. “Pra que isso?” João então teve de explicar a Maria, engendrada desculpa: ia caçar, visse. Conhecera uns amigos. Ela não dizia que ele demorava muito no bar, sem arranjar distração mais decente? Agora, submetia-se à recomendação. Sabia o que significava cinegético? Pois bem, tornara-se caçador. Estava de licença expedida, tudo conforme a lei: retrato dois por dois, folha corrida da Polícia, caderneta e número. Caçador 2308.

– Começo amanhã.

Vindo o domingo, ia o final do inverno; no ar sucedia o tempo fresco, uma ou outra chuva. O sol começava a enxugar a terra.

Ela parecia não conformada com a explicação do marido, tão sem propósito! Jamais João fora de andar pelos matos, de ir longe, sempre a reclamar os calos; o dia todo por perto de casa quando voltava da loja, onde atendia a freguesia de peças de automóvel.

– Uma espingarda!

Era como se ela tivesse visto um canhão.

Ele arreceou-se de que Maria desconfiasse, botasse tudo a perder. Desde que a notara arredia, menos sua e mais dos outros, imaginara meio de torná-la inútil; que

ninguém mais se nutrisse do amor que só ele pensava merecer. “A peça não é, está; meu chapa. Quero um platinado.” – “Não, senhor... um engano, veja a requisição...”

No trabalho, acontecia assim. De tanto retornar às prateleiras, o dono da loja amiúde vinha saber o que acontecia.

Um dia, aconselhou: “João, saia de férias. Você parece que anda mesmo cansado...” – “Não é, seu Deodoro...” – “O que é então?”

Viram todos depois a razão de tudo, quando Maria o procurou, debruçada sobre o balcão, o decote farto, os braços torneados arreados sobre o oleado de exame de pequenas peças. Deu o caso de um moreno expedito, vindo comprar lona de freio, já nem sabia o que queria. Nesse dia João não suportou:

Não te quero aqui, oferecida. Volta pra casa. O homem está te comendo com os olhos...

– João, estou falando contigo. Presta atenção. Pra que essa besteira de caçada, agora?

Ele recompôs o pensamento, situando-se na casa. Tinha conhecido amigos, principiou. Não lhe dissera antes, mas escutasse Falavam sempre de caçada, da vida no campo, a natureza era tão bonita, tão inocente!... Achou que podia ir com eles, ou ir sozinho dar tiros, abater perdizes.

– Você nunca deu tiro!

– Mas experimentei. Não erreí um.

vendo a mulher aproximar-se da arma, como se fosse pegá-la, obistou:

– Cuidado, ela pode disparar. O diabo comanda arma de fogo.

Está carregada?

Completamente. O tiro é grande, cartucho 12.

Ele pensara adquirir uma 36, mas para liquidar aquele pedaço de mulher, só mesmo tiro de 12. Deram-lhe, na casa especializada, a quantidade de chumbos por cartucho: noventa e oito, carga fatal, disparada de perto...

Meu Deus! Vou ficar sem o vestido novo, você prometeu.

João aquiesceu num gesto vago:

Tem tempo. Espere.

Tinha de aguardar muito, pensou. Mortos se acabam por si mesmos, não precisam de roupa nova. Alma não cultiva vaidade, nem engana marido. Querendo mortalha bonita, podia satisfazer-se com as peças de roupa que lhe dera antes, o róseo, principalmente, modelo copiado de revista e que chamava a atenção de todos; o verde de preguinhas, alisado à subida do busto, que ela usava quando iam ao cinema do bairro ou passear na avenidinha, festejando o aniversário das primas.

- Certamente tu vai querei farnel?

Ele não havia pensado nisso. Agora via, caçada demandava tempo, providências, andar de ônibus, instantes gastos à percorrer os campos, outros mais de espera, viagem de volta... Não, não se lembrara da provisão de boca, só preocupado em reunir, um a um, os pontos mais importantes que determinariam a ruptura definitiva daquele seu modo de viver, amar e sofrer. A arma, ao regressar, seria depositada engatilhada sobre a mesa; o cartuchão metido nela. Logo Maria se aproximasse, tencionando ouvir-lhe as peripécias do dia, as emoções...

Naquele exato instante, o imaginado ocorreria de modo tão natural, como alguém escorrega ao subir uma escada e bate com a cabeça no chão; ou abre a porta do elevador, pensando em subir, mas se despenca no fundo do poço.

Ao mais fundo do poço ela desabava, bastava o gesto dele, qualquer mexidazinha na espingarda. Tiro fatal noventa e oito buraquinhos de chumbo pelo corpo inteiro, por cima do coração, de través pelos peitos, um trabalho doido para o legista contar. Quem acreditaria fosse ele capaz da tresloucada ação? Quando der declarações, às lágrimas, amparado pelos amigos terá desconforme o desespero. “Ah, e posso mais viver em paz? Minha consciência me dá por assassino. Matei a mulherzinha querida.” Não faltarão amigos a lhe consolar a desdita: “Tolice, homem, foi azar! Você jamais dispararia a espingarda contra sua amada!”

Quem virá ver de perto o sobejo da morte? O motorista do caminhão trucado, com pretensão a artista de circo? O patrão Deodoro? Eusébio?

– Sendo você, não ia caçar...

Qual deles, na hora do enterro, mais responsável por sua tragédia?

– Desiste disso, homem. Fica comigo.

Era com ele que Maria falava, mas só da terceira vez, entendeu. Depois de tudo planejado, não se submeteria a recuo humilhante.

– O dia todo fora de casa!

– Hem?

– Sim, o dia todo no mato, perdendo tempo.

– É... talvez.

Manhã cedo, Maria tentou outra vez demovê-lo da idéia. Deu-lhe, no entanto, a roupa de sair, recomendando vigiar bem o chão, não pisar nas cobras. Ao tomar banho em açude ou lagoa, cuidasse de não se afoitar, indo ficar longe das margens. “Água tem cabelo na....

– Sei, sei.

- Toma cuidado Repara também na arma, verifica se está travada, principalmente colocando ela encostada em parede.

Cobria-lhe com olhar de bem querer, como se o quisesse reter sob sentimento de inusitado cuidado, duvidado por ele. Ela não parava, mal contida dentro da camisola, meio ingênua e natural, qual menininha que deixa entrever os seios, sem maldar a intenção de adulto.

Depois, veio sentar-se à mesa, sempre a insistir para ele ter cuidado, reforçar o café. Ah, queria-o de estômago forrado; o dia seria longo, muito cansativo, melhor se os dois almoçassem juntos. Havia comprado um frango. Que tal se o comessem, falando amenidades entre uma meota e outra?

- Fica, João. Não vai. Que besteira!

Seria naquele dia ou nunca. Por isso ele levantou-se abusado. Então - foi-lhe dizendo -, não podia possuir os seus próprios desejos? Tinha quem apreciasse pescar; Outros gostavam de jogar cartas. Amigo seu freqüentava rinha, perdia tempo enorme discutindo a machice em galos...

Ela afagou-o, como quem toma entre as mãos a cabeça de filho revel.

- Vai. Te quero tanto!

Ele fingiu não lhe ouvir o trato amável. Afastou-se dela. Adiante, no ponto do ônibus, viu-a à porta da residência, como se desejasse impedir-lhe a partida.

Seria remorso? Quem sabe se não começava a ralar-se pelas traições cometidas? Subiu o coletivo, tendo de explicar aos que também amanheciam o domingo, que estreava na caçada. Dali a mais cinqüenta quilômetros, esperava abater suas primeiras peças. De preferência, perdizes. O vizinho do banco, com quem conversava, co-

mentou: “Não tem perigo! Nas capoeiras do Sítio Novo tem perdiz do tamanho de frango...”

Mentalmente modificou o exagero do outro: do tamanho de pinto. Falar em frango, àquele instante, era lembrar o almoço prometido por Maria, a dois, as meotas geladinhas que degustariam; o sono sossegado depois, a janela aberta., vento e nesga de céu claro entrando por ela...

Alcançada a parada, apeou-se. Não foi difícil encontrar o caminho recomendado, que tomou sob o arvoredado, a cumprimentar os que passavam por ele.

Na frente, como lhe disseram, teve de empurrar os paus de porteira velha. Ali estava o caseiro, conforme o ajustado. Foram ambos, então, postar-se à parede de um açude, o dia em sol claro. Quando esquentou, o outro lhe disse ter chegado a hora de começar a andar por uns roçados abandonados, entre pés de milho e restolho de feijoeiros..” Por lá estão as caças...”

- Muitas?

- Do tamanho de frango.

Novamente Maria, a refeição prometida, as meotas, o ventilador ronronando...

Montou a arma, carregou a câmara. Não precisava ninguém o acompanhar. “Seu nome é Joaquim? Pois bem, Joaquim, pode ficar. Não vou longe.”

Saiu andando. Adiante, a primeira peça alçou vôo. Não era perdiz, decepcionou-se, mas um frango saído não podia precisar de onde. Logo transpôs a roça, adivinhando a quantidade de espigas colhidas, deparou outro. Parou, atônito. Certamente, deu em pensar, estaria perto da casa da fazenda, devia de existir por ali um galinheiro, coisa semelhante...

Quem sabe? Na próxima curva, depois do cômodo que vencia arfando sob o sol já quente, surgiu a primeira

perdiz. Uma só, ao menos uma ele teria de matar. Porém um quarto, um quinto, um sexto frango, como se fugidos de aviário, voaram-lhe à frente, luzidios, penas brilhando à luz do dia. A um acesso de impaciência, atirou no que lhe veio pôr-se à meia altura, sobre uns restos de macega. Errou. Mas não tardou aparecer outro frangão, o maior de todos, pesadão, sobrevoando arbustos entrelaçados de jítirana, de onde rescendia perfume silvestre a lhe lembrar, na exata, o extrato de Maria.

Acionou o cão. O tiro estrondeou repercutindo pelas quebradas da serra que vinha ancorar no terreno onde ele pisava agora. E aquele? De tons amarelos e penas vermelhas?

Pôs novamente em ação a arma, com danação. E quando o vento dissipou a fumaça, toda a pólvora comburida, ele tomou ao nariz o cheiro bom de cozinha, de alguém, como Maria, fazendo fumegar o lume, apressando o almoço.

Sentou-se, abatido, a mente embaralhada, confuso.

Ficou a olhar e a ver os mil frangos que começaram a passar, à espera de que um deles viesse trazido por Maria, a Maria daquela manhã, que nunca parecera tão sua.

Terra de Marlboro

Pela centésima vez, logo levantado, Olegário à janela via o *out-door* iluminado pelo sol da manhã. Enchia-o de inveja o homem do cartaz, vaqueiro saudável, ao lado de belo cavalo vermelho, contemplando verdejantes árvores como nunca as vira em sua vida. Puxava fumaça de longo e lácteo cigarro, com insopitável prazer, incisivo ao convite: VENHA

A TERRA DE MARLBORO!

Onde esse paraíso? Ao sul do Brasil? No estrangeiro?

Desejou mais de uma vez ir lá, a Marlboro, passear por debaixo de suas imponentes árvores, ou trepar nelas para lhes colher os frutos que deviam de amadurecer o ano inteiro. Não mangas, não pitombas, não cajus...

- Olha, vou saindo... - falou a mulher.

Olegário ainda se deixou ficar onde estava, embevecido, mas acabou indo ver Lili que lhe recontava o compromisso assumido de limpar, o mais depressa possível, a casa dos Guimarães. Ouvia-a falar na festa de aniversário do patrão, no montão de roupa aguardando providências; a criadagem sem dar conta do serviço - E se dizer que ao final da tarde tudo deveria estar pronto - Às sete começariam a chegar os convidados.

- Tem café na chapa do fogão. Demorando, esfria...

Parou à porta. Teve a nítida idéia de que a mulher desejava recomendar-lhe algo. Nada porém acrescentou, a não ser o vazio de sua ausência.

- Tem de ser hoje, não pode ficar para amanhã!

Não ia, a vida inteira, continuar desempregado, a depender de Lili. Embora não quisesse incomodar-se com a situação que enfrenta, sofre. Há mais de três meses a mulher garante-lhe a refeição, acode-lhe com os trocados, para as viagens de ônibus, que ele não faz para poder comprar cigarro. Não tinha bem o que reclamar, é verdade; a mulher o compreendia - amava-o. Mas sentia ser injusto viver assim à custa dela. Por último, quando perdeu o lugar de auxiliar de pedreiro no Edifício Primavera do Amor, passou a percorrer o bairro, visitando todas as obras em construção, mas nada conseguira.

Uma ou outra vez forçara acesso, à tentativa de falar ao menos com o vigia ou o encarregado do serviço, fosse quem fosse. Obtivera só o azedume de quem não quer perder tempo, não se sensibiliza com a vida alheia.

- Se sabe ler, deve ter visto a placa. Não há vaga...

Serviu-se do café, vindo pôr-se, depois, novamente diante da janela, o olho agateado preso ao cartaz: VENHA À TERRA DE MARLBORO. Puxa! Seria bom não estar desempregado; poder fumar um cigarrinho como aquele vaqueiro, a vagar sob a copa frondosa de paus tão bonitos! Assim, como gostaria de ter a vida. E o parrudão do cavalo? E o cigarro de cem milímetros?

Deu-lhe vontade de fumar: só tinha o maço amarfanhado. Era hoje! Podia passar daquele dia? Vivia humilhado, a receber as cédulas de cinco cruzeiros que Lili colocava em cima da mesa, antes de sair. "É tua ajuda, marido". Fedia esse dinheiro assim concedido. Fedia; doía a um só tempo.

VENHA À TERRA DE MARLBORO!

Onde ficava isso? No Amazonas? No Nordeste? Na França?

Lá, homens recebiam dinheiro das esposas, quando os despachavam dos empregos? Viviam, por lá, criaturas como ele, dez horas por dia, procurando ocupação?

Era andar, e se oferecer como quem esmola.

Diante da primeira obra, parou. Operários sumidos, como ele, o olharam sem ver o servente hábil, capaz de erguer muros, entrar no escritório em parapeitos, assentar azulejos. Dispôs-se a entrar no escritório, dizer quem era, que desejava. Mas a enorme placa de letras pretas, em fundo amarelo, cresceu entre ele e os trabalhadores anônimos que erguiam o prédio: “Não há vaga. Favor não insistir”.

Para que tanto abuso e grosseria? Devia ao menos saber que ele tinha todos os documentos em ordem, – carteira de reservista, folha corrida, identidade, CPF...

Doloria-se com ter de retornar a casa, topar outra vez, na cozinha, a mulher estafada a reclamar o calor, a azarada vida que levavam. Antes da refeição magra, haveria de lhe contar o duro que dera para ganhar minguada fêria.

Tinha de ser hoje! – repetiu para si mesmo.

Davam onze horas. Nisso alcançou o centro da cidade – dia avaro, irrespirável; sexta-feira calorenta com homens apressados indo e vindo sob o agulhão de obrigações finais da semana expirante. Intenso o movimento; febril àquele momento. “Aqui, Caderneta de Poupança”. Sorriu. Que rendimento dava o sofrimento? As aporrinhações? Tinha Caixa Econômica Federal para isso também?

O calor subia. A multidão refluía de seu ritmo inicial, pachorrenta ao atravessar as ruas, sucumbindo ao mormaço exasperante.

Foi quando Olegário pensou que alguém devia assaltar o banco ali adiante, largando na rua centenas de sacolas cheias de dinheiro, cédulas e mais cédulas, que recolheria, contanto não precisasse mais voltar para casa e apanhar a maldita nota depositada sobre a toalha de plástico borrada pelas moscas.

- “Toma, bem . . . é o teu trocado de hoje...”

Seria a vez dele encher a mesa de um despropósito de cruzeiros, e dizer a sua Lili: “Olha o que te trouxe. Compra logo um vestido azul, que azul é veste de anjo, de virgem, dá sorte a gente. Depois, vai fechar a maldita caderneta do fiado. Isso já era. Nós, agora, vamos ser freguês de supermercado. Podemos comprar lá tudo aquilo que a televisão ensina...”

Parou no meio da rua; era um naufrago. Por quê?

Pessoas o abalroavam. Havia os que reclamavam. A maioria passava insensível. Mas nele continuava mais vivo o pensamento no dinheiro largado no asfalto, nas cédulas de quinhentos cruzeiros, agitadas pelo vento como neve em filme americano?

Depois, teve a exata impressão de que se rompia a vidraça de rica joalheria, que expunha relógios e jóias, e toda aquela riqueza vinha parar no asfalto, aos seus pés – e ele, sem saber por que, não se movia nem se animava a ficar com um valor sequer; nem tocava nas pedras preciosas...

- Estará doido?

- Sai do meio!

- Arreda, infeliz!

Sentiu não poder demorar. Não estava em Marlboro.

Voltou a subir as dunas, a afundar outra vez os pés na areia morna. Empurrou a porta do casebre; venceu o corredor exíguo até achar-se na cozinha, estranhando não houvesse Lili regressado.

Dava-se por irremissivelmente gasto, consumido.

Recostou-se à mesa, assaltado por estranha dormência, – torpor atribuído ao dia inteiro vivido na avareza do café preto da manhã.

Quando a mulher chegou, ele dormia, – o corpo repousado num modo diferente de sentar, esquisito, como se algo o fizesse fora desse mundo, mas intensamente feliz.

– Olegário! Meu filho, acode.

Ele abriu os olhos. Custou a acabar de sorrir o estranho riso de apaziguamento. Havia estado longe, muito distante dali, numa terra em que os ladrões eram beneméritos; roubando bancos e joalherias, soltavam cédulas de quinhentos cruzeiros pelo passeio. Ou atiravam brilhantes, de presente, aos pobres. Em todas as construções repetiam-se as placas luminosas com aclarantes avisos: “Trabalho para todos. Servimos refeição.” – “Venham, vamos construir mais depressa. Inscreva-se.” – ‘Estamos só esperando por você’ – “Salário dobrado” – “Além do domingo, damos o sábado de folga, e homens não recebem dinheiro de esposas que trabalham” – “Aqui já dissemos NÃO ao NÃO”.

Ele ergueu-se certo de estar começando a pisar a terra de Marlboro.

Mas todo encanto de repente acabou quando avistou a cédula de cinco cruzeiros, solidariamente atirada sobre a mesa, a um gesto repetido, mas de enfado, da mulher.

A falecida do marinheiro
longamente ausente

Entre.. – convidou o sacristão, falseando a voz.
– Agora não – respondeu-lhe o motorista, compenetrado na roupa escura de enterro e casamento.

– É a última vez que vai ver ela. Daqui a pouco... – O gesto vago esvaia-se na sua mão de unhas sujas, exprimindo chorada ausência, perturbadora.

– Ainda vou ali...

Foi, com efeito, ao bar da esquina, esquentar o corpo. Daí a instantes, no velório, disfarçava o hálito avinhado no lenço que comprimia na boca, diante dos amigos comovidos. Quando se apaixonou por Beatriz – vinha-lhe mordente a vontade de narrar – não passava de simples trocador de ônibus. Mas já de posse da carteira de habilitação, imaginou fosse fácil conquistá-la. Mandou-lhe deramada carta, recomendada enfaticamente a seu Osório, escrevente de amor do Pirambu: “Capriche, homem. Se ela me recusar, morro debaixo do trem.” Por que se decidira pelo marinheiro? Que era um naval?

Adentrou a casa. A morte álgida e lânguida alcançava-o com visgo aquoso, grudento.” Seu Beltrão, veja como ficou a dona Ele ergueu os olhos à altura da fisionomia dos que se aturdiavam diante do ataúde, e estremeceu. Não era o silêncio, que ali parecia ter voz, mas o pensamento

disfarçado de cada um dos presentes que o julgava, raciocínio pluralizado de que, acobertada pela morte, repousava entre eles uma mulher inatingível.

Senhoras deram em rezar. Agora a murmuração era quase insolente a conjurar a morte espessa no cheiro acre de velas que se apagavam. Foi quando o motorista enfiou pelo corredor, comovido, indo esbarrar na cozinha onde demoravam os menos sofridos, bebericando, a matar o tempo. “Essas coisas passam. Um poeta disse.” Mas disse o quê? Quem poderia dizer? Ele também não sabia, a não ser que havia sido enganado, não tivera condições de tocar o coração da ingrata.

Beatriz chegava ao final da vida, não merecia mais ser acusada. Não podia se eximir da mágoa: tinha-a. Quem pode esquecer a desfeita de amor que não nos quer? Adiantou sonhar com as camisas de monogramas bordados, o B dele e o B dela? Quem ao menos imaginou Beatriz pudesse trocar a sua boa intenção pelo enxerimento atrevido do Zé da Bodega, aproveitador tido e havido na redondeza por explorador do pobre, como reclamou leitor de responsabilidade, nos jornais? Diante disso, Beltrão tornara prometendo amor, certo de conquistá-la. “Em carro que dirijo, você não paga, minha filha!”

Ah, Beatriz... – sente vontade de dizer – se você houvesse me devolvido a última carta, o canto de cima dobrado como manda a regra; o desenho do coração trespassado, tinha sido feliz! Que te deu o marinheiro, esse desventurado sonho de mar-e-guerra?

– Te consola, seu Beltrão.

Assustou-se. Pôs-se a enxugar o suor que lhe bolhava a testa larga. Era cruel... Deixou-se conduzir sem saber por quem, vencido, angustiado, a vista turva. Queria o ar

sem morte, sem o nauseante cheiro de velas apagadas. Deixaram-no à porta. Outro choque. Vinha entrando o Zé da Bodega, na mão direita uma coroa de flores naturais, perseguida por abelhas. Devia ter-lhe custado a fêria da semana, e o fazia feliz, pelo menos não exibia a fisionomia convencional dos demais. Mão caridosa recebeu-a, enquanto uma voz aflautada elogiou a beleza da lembrança – “homagem que faltava em hora dessa” – e, expedito, alguém achou que a deviam de depositar, quanto antes, ao pé da jarra, no banheiro, para conservar. Nisso, Beltrão escutou o sacristão anunciar:

– É a última vez que você vai ver ela..

Não, agora não.

A morte desgastou ela, mas ainda está bonita.

O merceiro aproximou-se do caixão.. Não sabia rezar.

Absorto, mexia os lábios, fingia. “Ah, mulher ingrata!” Não se conformava em ter chegado perto daquela vida tão tentadora e, no instante de alcançá-la; ser repelido. “Zé, nossos gênio não combinam. Quero a amizade. Amor; tu entende, é outra coisa.”

Que diabo era? Reconstitui os passados. Sofre por aquele dia em que a empregadinha comprara queijo, azeitonas e cerveja. Mais tarde, a mocinha dos mandados veio buscar outras meotas geladas, das mais que houvesse no congelador. A conta passando dos trinta e Oito cruzeiros,. um despropósito, não se conteve:

– Estão festejando anos?

– Mas não da dona.

– De quem, então?..

– Do marinheiro, seu Zé... do marinheiro....

Do marinheiro! Agora fosse rezar! Não reza. Só não. larga de sofrer, que isso é mal-estar sem controle...

– Licença, licença...

À entrada da casa a voz do sacristão, abemolada ouviu-se outra vez:

- É o final... a despedida. Venha ver ela...

Desta vez o sargento Antanho, sério, seguido da esposa. Vinham os dois para o enterro, atrasados. Ela calçara o sapato mais alto que possuía, para ficar por cima daquela gatinha. Está desejosa de não perder nenhuma das cenas que a aguar. dam. Sua voz untuosa, cheia de malícia, soa na sala:

- Quero ver a morta de perto, que jeito tem, se ficou diferente das outras...

O sargento segue topando nas pessoas, fingindo desinteresse se; tem pressa de chegar perto da morta, daquela que lhe arrebatara o coração. Julgara-se irresistível mas fora passado para trás pelo marinheiro. Sabedora da desfeita, que afrontara o marido, a esposa debicara:

- Bem feito! Tu vivia se enfeitando pra ela, e a galinha, ligeiro, arranjou outro galo. Só pra te machucar escolheu logo um subalterno. Marinheiro não é menos do que sargento?

O militar aproximou-se; renteou o caixão, de onde desnecessários e cambados emergiam os sapatos da falecida.

- Queria comer ela com os olhos? Come agora!

Afasta-se, metido em seus próprios pensamentos. Vê-se no interior da casa, Beatriz reclinada no sofá, a apetecente coxa escapando da saia curta, a direita, de sinalzinho preto. Ele havia confessado, disposto: "Sou casado, mas me separo. Não posso mais viver sem você." Ela demorou a responder. Ele até pensou que ia tudo dar certo. E a resposta soou cruel." Sargento, te aprecio muito, mas não posso. Tenho outro. Não vamos machucar a Deolinda..."

Dizer-se que, uma semana antes, ele conhecera o rival. diabo de marinheiro perereca, que ninguém explicava

como passara no exame de seleção naval. Que Marinha essa que acolhia uma figura de homem que nem tamanho tinha? Ele, pelo menos, media um metro e oitenta, conquistara as fitas de sargento por merecimento, era militar de confiança do comandante. O outro vivia no mar, objeto de convés. Na terra estava ele, todas as horas, para se meter com ela na cama.

- Você falou, Antanho?

- Não.

- Sou capaz de jurar...

- Pois jure!

Largou o braço da mulher. Afastou-se mais, foi encher o peito de ar fresco do dia entardecendo. Cadê o marinheiro sacana? - se perguntava. Cadê esse infeliz que nem ao menos comparecia ao sepultamento da amásia? Beatriz precisava reviver para assistir como ele enfrenta as convenções sociais, a esposa agressiva, o olho irreverente do mundo. Viera. O comandante houvesse baixado ordem, "o quartel está de prontidão, tem de estar todo mundo aqui", ia a Conselho de Guerra sob o pau mais feroz, mas não faltava aquele instante. Beatriz punha-se na frente de tudo, do coronel, do batalhão, de Deolinda, do seu coração!

Novo estremecimento percorreu a sala, deslocou cadeiras, fustigou retratos e enfeites que se penduravam pelas paredes - era o arruído inquieto da morte. Zé da Bodega, tão apreensivo quanto Beltrão e o sargento Antanho, dirigiu o olhar para a porta aberta, tentando ver. Quem chegaria agora? Beltrão suava, imaginando desfalecer...

De repente, não só os três homens mas toda a gente ali reunida começou a torcer para o sacristão repetir ao marinheiro:

- É a última vez que você vai ver ela... Entre.

Desnecessário, o silêncio derruiu com o vozear dos curiosos.

Todos, a um só tempo, retomaram a conversa: o preço do pão, o leite caro, o atropelamento da esquina, o pifão do padeiro, anedota do português...

Não, não era o marinheiro dela que chegava.

Buquês de noiva

Apreendeu da mãe, exímia na arte. Quando a velha Dadá morreu, todos pensaram: não haverá mais ninguém que a substitua. Viu-se, no entanto, Eudócia lhe adotar as artes. Difícil, desde aí, alguém fazer buquê de noiva, de flores alvas, laço de cetim – as pontas pendentes, parecendo encomenda especial, caprichada. Não cobrava caro. Dai estarem as noivas, sem cessar, à sua porta, desejosas de empunhar o buquê daquela que sucedera dona Dadá. Nem sempre acontecia de atender. Avolumavam-se pedidos, não lhes dava vencimento.

Desculpava-se as vezes:

– Madame compreenda, não posso aceitar a encomenda da sua filha. Tenho duas entregas para o sábado quinze.

Sucedida da freguesa insistir:

– Se é questão de dinheiro, fale quanto quer. Pago.

D. Eudócia, pondo-se em mil sorrisos e atenções, maneirava para não ofender. Não, não se tratava de mais pagamento... o tempo era insuficiente.

– Cem cruzeiros mais.

– Não dá.

– Cento e cinqüenta!

Chegasse a duzentos, trezentos... a resposta haveria de ser a mesma. A outra freguesa dar-lhe-ia apenas o pre-

ço ajustado, era o trato, ela não se afastava da palavra empenhada.

Via a senhora, contrariada, afastar-se pisando forte. Ficava de cabeça baixa, amargurada. Então pensava nas filhas.

- Por elas... tinha de ser por

Tantas vezes repetida a cena, os abusos, as recusas, que a vizinha um dia veio saber-lhe o desgosto, a razão das lágrimas.

- Querem que eu seja duas ou três. Não dá.

- E por que tu não contrata ajudantes?

- Ajudantes?... Nunca! Sempre o trabalho foi meu. Compro a fita, dou o laço, preparo as pétalas, componho as flores... faço tudo... tem de ser assim como aprendi.

- Quem vai saber se o buquê foi feito por outras mãos? Olhava Zélia e Vanda. Ambas podiam ser mais atentas ao seu trabalho. Em vão quis interessá-las no ofício, dizendo: mãe Dadá, a avó de vocês, me ensinou todos os segredos. Passo' a vocês duas, querem?

- "Vandinha, vem ver tua mãe trabalhar."

- Já vou."

- Vem, Zelinha."

- "Já vou".

Não iam. Desadoravam ficar paradas ao lado dela, assim sentada horas a fio, cercada de flores de papel, botões brancos, pétalas, tudo adrede preparado, repetindo os mesmos gestos, pinçamento de florzinha aqui, pinçamento daquela, lá; "me dá uma pétala", agora, torce o arame, dobra a ponta", "é a, vez do laço..."

- Meninas, isso é dinheiro! Foi com minha arte que criei vocês. Vem, Zélia. Vanda, vem.

Nenhuma das duas atendia ao chamamento de Eudócia. Talvez correta estivesse a vizinha, pensou certa

vez. Melhor devesse empregar auxiliares. Terminaria quatro ou cinco buquês, por semana...

- Pagariam mais?

- Pagariam, sim. Quem é que não gosta de teu serviço? Quem vai saber o que saiu de tuas mãos... ou da de outras?

Emergia da dúvida. De verdade, pois mais que caprichas-se; só conseguia preparar dois buquês por semana. Se coincidiam Casamentos, na mesma data, era necessário as encomendas chegarem com antecipação, circunstância que a obrigava ficar acordada até mais tarde, encurvada, as costas doloridas, a se queixar do bico-de-papagaio; enquanto as filhas se divertiam no cinema do bairro.

Regressando tarde da noite, as moças lhe perguntavam em delicadeza gasta:

- Mãe, não vai dormir agora?

Não, não podia. Vissem a obrigação de 'terminar um buquê...

- Vão dormir...

Ah, a vontade era de ouvir uma delas dizer-lhe: "Mãe, se a senhora permite, fico uma pouquinho pra lhe ajudar. Acho que acabo aprendendo a fazer..."

Suspirava, infeliz. Estirava as pernas, à procura de melhor jeito, as costas dando pontadas. Nenhuma das duas se animava a ajudá-la. A mais nova caminhava até a cozinha, a apanhar a sobra de pão, pedaço de doce em barra para comer, "Não posso dormir de estômago vazio."

Quando ressonavam no quarto pegado à sala; transformado em ateliê, naquela solidão que restava viva; Eudócia sentia vontade de encostar-se à parede fria, cerrar os olhos, adormecer e não mais acordar. Mas d. Dadá ensinara: "É preciso estar vigilante, minha filha. A arte do buquê está no laço da fita, depois de tudo, no arremate."

De madrugada, ao recolher, os galos já acordavam. Ela então destravava o despertador, marcado para disparar às seis, sabendo que dormiria pouco, conquanto o corpo dolorido exigisse maior repouso.

Ao levantar-se, ia regar as plantinhas dos jarros, contemplar as bananeiras soltando cacho. Cuidava da graúna, que cantava toda vez que acendia a luz, a esquentar a água para o café. Depois, ligava o rádio, a mesma estação, que a mãe ouvira também por anos a fio, curiosa de saber o que reservava o seu horóscopo.

Passado o café, ia sentar-se por instantes num tamborete, olhar o calendário, ver o sujinho das moscas na marcação dos dias, uma ou outra teia de aranha tecida sob ó desleixo dela. Era aquilo o prenúncio de alguma felicidade próxima?

Quando dali se erguesse, buscaria as caixas de sapato em que guardava o material de trabalho, a ver se faltava um ou outro componente das flores – fio, seda ou cetim.

As moças dormiam até tarde. Vinham, a sol alto, ainda mal despertadas, tomar assento à mesa posta, ouvindo-a queixar-se das dores das costas – “ai, ai, ai, que hoje estou pior” –, a se afligir pelas encomendas que deveria ultimar. A noiva deste buquê é linda. A do Outro é uma moreninha tão simpática! Não vou decepcioná-las.”

– Mãe, vou saindo...

– Mãe, estou indo à rua.

Desapareciam. Não eram dadas a estudos, mas gostavam de andar enfeitadas, e, já agora, d. Eudócia esperava que elas, peitos despontados, viçosos, conseguissem marido; até motorista servia, contanto não fosse de táxi, de fêria insuficiente.

À vezes elas não retornavam para o almoço. Desculpavam-se adiante; amiga que não viam havia tempo as le-

vara de passeio, acabaram fazendo uma boquinha num restaurante popular.

- E a despesa?

- Pagou-a rapaz amigo...

“Que rapaz?” - pensava Eudócia. Podia ser o prometido. Se ao menos a mais velha casasse, ela ia poder aliviar os encargos, economizar boca à mesa. Um buquê por semana, bem pago, dava para manter a família resumida. E quando a outra conseguisse também marido, decididamente sairia daquela sujeição.

Dia veio em que Zélia não voltou. A irmã não lhe soube explicar a ausência. Eudócia convocou os vizinhos. Vieram todos encher a casa. Finalmente aceitaram o inevitável: a moça dera uma de desajuizada. Fugira. Afinal, descobriram o bilhete debaixo do vidro de perfume: “parto para a felicidade, posso estar errada, mas Deus é que vai me proteger. Ele é um caixeiro-viajante. Chau, mamãe!”

- Ainda existe caixeiro-viajante? - queria saber d. Margarida, irmã de d. Eudócia.

Antes do final do ano, Vanda também não retornou a casa. D. Eudócia estranhou quando ela saiu mais pronta do que das vezes anteriores, sobraçando embrulho que devia conter peças íntimas de vestir.

- Onde tu vai, menina?

- Vou passar o dia fora. É o piquenique da turma.

- Onde vai ser isso?

- Na praia.

Foi-se.

Passados meses, estavam ambas de volta. Uma, de barriga, a outra contando que o rapaz, por quem se apaixonara, partira a perna num desastre de automóvel. Logo sarasse, viria buscá-la para casar.

D. Eudócia enfrentou a tudo com resignação. Já para expirar o ano, dores a acometeram, insistentes. Por esses dias não pôde mais conduzir o trabalho até tarde – o sono acudia-lhe cedo, o coração se lhe comprimia sob os seios murchos; deu em chorar. Graças a Deus, tinha ainda forças para entregar as últimas encomendas do mês: dois lindos buquês, mimosas peças de flores brancas e róseas, como nunca fizera antes.

Haviam sido traçados com tanto carinho, que ela presentia ter em ambos o canto da graúna, o desfolhar dos dias, as bananeiras do fundo do quintal, o alívio de raros momentos em que se aluía do tamborete, o café matinal animado pela palavra jovial do locutor da manhã; – o vento, a chuva, a madrugada...

Esses, os derradeiros buquês, – todo mundo deplo-rou –, que logo se lhe entrevou a mão, perra, sem se saber por que, incapaz de alcançar as pétalas, os raminhos, o arame, o cetim ou a diversidade de botões...

Quem casou com aqueles enfeites à mão, jamais soube que tinham sido preparados para moças que nem ao menos chegaram a ficar noivas.

Não se matar, matar

“Valia a pena viver?”

Fechou a janela que dava para o fundo do quintal.

Noutro dia teria ido regar a touceira de capim-santo, os dois jarrinhos de rama de batata, que lhe lembravam o sertão, pé-de-serra onde se criara debaixo de um corredor de nuvens muito alvas, luzindo ao sol do verão. “Valia a pena viver?” Percorreu a casa, a breves passadas, considerando. Olhou e viu a alcova desarrumada. “Ajeito ou não ajeito?” O quebra-luz, do lado em que ele dormia, para quando quisesse “ir no quintal”, estava fora do lugar. Mundico lho dera de presente. Eram dois, na realidade, mas logo o dele quebrou-se a estabandar-se curtindo o sábado desocupado, o lazer intenso com rum.

“Valia a pena viver?”

Postou-se diante do espelho. Gostava de se ver na lâmina ancorada sobre a mesinha de enfeitar o quarto. Quem a visse, dar-lhe-ia mais de quarenta anos. Impossível saberem que tinha menos idade, mas a vida puxada em companhia do pedreiro a levava a esse estado de desmerecimento físico. Também pudera! Dez anos sem folga, a correr o dia todo para trazer a casa limpa, o marido contentado.

“Se tivesse filho, que seria dele, hoje?” Correu as duas mãos calosas pelo corpo, encontrando nos lados as

dobrinhas que a inquietavam. Gorda. E o peito? Ainda bem, tinha o de que se orgulhar... desejasse fazer pirraça ao homem, era vestir a blusinha verde, decotada, e, no ônibus, deixar os passageiros solícitos, por cima dela, procurarem a intimidade bem nutrida. Mundico desadorava, mas já agora não parecia mais morrer de ciúmes por ela. Desde o ano passado, dera de chegar a casa, não se acudindo dos prazeres que podia encontrar na cama.

Afastou-se do espelho. Possuísse um revólver, saberia o que fazer. Mas onde conseguir arma de fogo? Mundico se dizia protegido por Deus. Não era ao menos de carregar arma branca metida no cinto, por baixo da camisa. Davase em graça com os santos... Certo. Tanto tempo tornando-a infeliz, desmerecendo-a a não mais poder, e ela a ignorar tudo! Se houvesse recebido pelo menos carta anônima, das que dizem “tome um remédio se não a senhora não vai ao final”, inda bem! Mas tudo “transcorreria de inopino, tal qual choque elétrico em tomada de ferro de engomar. Pegou, afastou, estatelou-se no chão. Desvalida estava até aquela hora, envergonhada, ofendida, diminuída. “Valia a pena viver? Para quê? Para ser enganada?”

“Voltou a contemplar-se ao espelho. Sungou os seios, “ergueu” a roda da’ saia até o grosso das coxas, avaliando o que lhe restava de corpo; Aqui e ali, celulite, de que tanto falavam as granfas, mas passável. Quem, em sua idade tinha corpo mais socadinho, e tentador?

“Valia a pena viver?”

Sábado. Dia do pedreiro chegar tarde. Imaginava-o entrando, exagerando cansaço, sem mais coragem para nada. Às vezes, não comia. “Dia horrível! O desgraçado do mestre me judiou hoje!” Talvez fosse chegar’ assim, pondo culpa no mestre, no BNH, na Caixa Econômica Federal...

Parou na sala. Arriou-se na cadeira de espaldar alto,, desorientada. Queria luz, sinal qualquer que a ajudasse romper a turbulência da situação que vivia. Pensando bem, fosse mãe, não era um; eram dois os desgraçados. Mas antes de se acabar, contaria tudo ao filho: “Olha, aquele teu pai é um monstro. me trocou por outra, me arruinou. E eu dei tudo a ele!”

Ergueu-se, a um impulso. Valia a pena viver? Mulher nenhuma suporta vida de traição, sabendo o seu homem alegrado com outra. “A desavergonhada, que tira teu sossego, ó pobre mulher, não perde um sábado nos inferninhos da Leste-Oeste; se deita com ele na praia, mesmo sentindo cheiro de merda, mas como se divertem! Dizem que ela pegou teu homem porque tem muita experiência nas artes de fuampar...”

Que nome tem essa bicha? Mirian? Margarida? Rósélia? Francisca?

Podiam ficar assim as coisas?

– Mato-me!

Foi quando se lembrou: havia comprado veneno de rato. Uma colherinha do pó bastava? Que sabor tinha? Se rato comia, sem repugnar, ela podia fazer o mesmo. Servia-se-ia dele; traçado no feijão ou dissolvido n’água?

Deu uma lida nas instruções do pacotinho cintado de vermelho, arrepiando-se à contemplação da caveira desenhada sobre as tíbias. O animal – diziam ali – morria por hemorragia, numa sangueira só, doido para beber água, a correr para todos os lados, como se tivesse salvação, e se acabando.

Viu a casa manchada de vermelho, pingos nas paredes, nas toalhas, no chão, no corredor, até no quarto de casal. A essa idéia de finir-se em cima da cama, em poça sangüenta, sujando tudo, danificando o último quebra-

luz, não a encorajava. De certo acudiriam policiais; não faltariam médicos e enfermeiros. A casa encher-se-ia de curiosos, gente estranha desejando saber porque tão simpática senhora se matara no quarto de dormir.

Enquanto o suor lhe desce pelo rosto, desmanchando o pó, o rouge, muda o pensamento. Melhor, fechar a porta, dos fundos da casa, ficar no quintal. A chave, jogava-a por cima do muro da vizinha, contanto que, enlouquecida, não pudesse, voltar atrás, tentando salvar-se. Quer; assim, a morte alcançando-a em lugar ausente da vigilância alheia, interdita, à curiosidade pública.

Dissolveu o pó em dois dedos d'água. Cheirou a massa diluída. Parecia estrume ressecado, falta de odor, tal qual feno, estragado.

Carta? Convinha fazer?

Indefinia-se. Para que dar gosto a marido infiel? Morria dona de seus segredos, de suas dores. Esperava o 'maldito no inferno - para lá é que ele deveria ir - e lá então teriam ambos tempo suficiente para ajustar contas.

Vendo os urinóis emborcados a um canto de muro, latas enferrujadas espalhadas sobre o lixo acumulado, fraquejou.

Que diriam os jornais, ao outro dia, daquele cenário pobre, desarrumado? Não, decididamente não nascera para morrer como uma qualquer, em fundo de quintal. Quem sabe se a sem-vergonha, que se apaixonara pelo, marido, não viria até ali ver aquelas intimidades tão domésticas?

- Ah, tenho de fazer uma carta...

"Saibam os que lerem estas nervosas linhas, que me mato porque, apesar de sempre ter consagrado muito amor ao meu Mundico, infelizmente, ele me trocou por alguém que só fez me destruir..."

Nisso, deparou o prato da janta do marido em cima da mesa. Na aflição, indo e vindo, nem cuidara de que a tarde se transmudara em quase noite. Nem sabe como o tempo passara. Na rua havia, agora, o ruído de ônibus superlotados chiando no asfalto, pesadões, deixando no ar risadas e reclamações. O prato de Mundico ali, – feijão, arroz, a. carne assada, o sal no pires... os palitos dentro da xícara de asa quebrada.

Por que não atinou antes com a solução de livrar-se dele?

Mundico é quem deveria expiar de uma vez por todas o mal que lhe fizera. Presa, obrigada a confessar o crime, pegava uns seis anos de cadeia. Deixando o presídio, haveria de ter o mundo pela frente, novo amor sem carta anônima.

Imaginou então o marido correndo à procura d'água, “anda, traz a quartinha, ai!, é, pouca! me dá o pote, um carroção”, a esvaír-se, até transfazer-se em sangue, soltando o vermelhão – não do coração, que não tinha, mas das partes impuras do corpo traidor.

Derramou o pó, dissolvido em cima do feijão, de mistura com a carne e o arroz. Procurou sentir o odor de veneno. Nada. A carne assada rescendia por sobre tudo, mais forte.

Contentada, foi até o quarto, cantarolando, o que levou a vizinha do lado, bater ,na parede de separação, e indagar:

– Ganhou nos treze pontos da loteca, mulher?

– Espere e verá!

O relógio da pracinha, onde o prefeito instalara televisão para divertir O povo; deu horas seguidas vezes. O começo da noite parecia estirar-se mais do que em outros dias.

Antes de sentar à mesa, para vigiar o prato, correu o, ferrolho da porta da frente. Cansada como estava, era capaz de adormecer sem dar pela chegada do marido.

Intentando espertar, retomou o canto. Entoou uma valsa antiga, apaixonada; estrofes de várias canções gastas pelo tempo. Depois garganteou um fado amoroso, tropeçado e triste. E sem mais saber o que cantar, começou a canção de roda, de quando era mais moça, e os outros é que lhe percebiam por baixo do vestidinho transparente a meninona se fazendo mulher.

A receio de ver findo o repertório, abriu a boca então com muito sentimento, porque se lembrou da igreja, de Deus, de confissões esquecidas, a repetir o bendito que lhe carregava para o passado:

“No céu, no céu,
Com minha Mãe estarei;
No céu, no céu...”

Estava no inferno.

A costureira e os sucessos
duvidosos do amor

Agripina dava duro na máquina de pedal. “Compro, amanhã, o motorzinho elétrico! “Não comprava. Esfalhada, deu em dormir mal; sonhos horríveis, pesadelos, – viuvão atrás dela “te pego, coisa doida!” Receitou-se em sessão espírita, medo indócil da sala escura, da voz que lhe deram de encosto. Para sarar, bebeu complicada garrafada medicinal, conselho de freguesa entendida em mal secreto. Então acalmou, pôde voltar a se fartar novamente de pão, manteiga e presunto.

Pelo Natal, suspendia a costura. Guardava a *Singer* na caixa; “não corto mais nem para a filha do bispo.” Aos vagares a que se dava, ia às compras, nos trinques, parando diante das vitrinas, a copiar modelo de vestido. As amigas, vendo-a, se surpreendiam: “A gente te fazia morta, criatura! Tanto tempo sem dar ‘sinal de vida!... Tu devia aparecer.” E ela: “– Quem aparece é alma.”

Na missa do galo desse ano, no patamar da igreja, topou admirador que lhe segredou amenidades: “Flor, seu vestido é um amorzinho!” – “Tem anjo assim na terra, dando sopa?”

Saíram juntos. Na calçada da choparia, enquanto ele lhe punha os braços no ombro, amativo, ela considerava devesse ou não tomar guaraná. Daí a dias, sabia o essen-

cial da vida de João Inácio, eletricitista autônomo, quarenta anos, arrimo de mãe inválida e torcedor do Ceará”

A casa da costureira, João passou a freqüentar. Demorava na cadeira de palhinha, o cigarro pendurado no beijo, baforando sem pressa. O que ia ser, seria. E a moça, enleada, caprichava cafés que bebiam juntos folheando revistas, procurando modelos. Um dia, o eletricitista ficou para jantar.

E se entretiveram mais do que das vezes anteriores. Ela decidia-se. Dali por diante não trabalhava mais em dezembro nem em janeiro.

Muito certo, anuía o homem, sugerindo à costureira não aceitar encomendas para o domingo, dia sagrado, bíblico. “É viver, aproveitar a mocidade...”

Agripina exultou, percebendo-o, bem intencionado. A prova estava nos, cuidados demonstrados. Seria amor? Contou logo a ocorrência às amigas, suspirosa pelo corredor da casa, passeando diante do espelho de provar vestidos: “Ai, ai! encontrei meu artista.”

Noite de Natal tiveram jantar especial. Agripina preparou peru, farofa; fez panquecas para a sobremesa, a que não faltou a garrafa de Sidra gelada, oferta da semana do supermercado. O eletricitista não parou de lhe gabar a mão de fada:

“Nem todo, mundo tem esse dom de cozinhar!” Tarde da noite, ‘ele propôs:

Aborreço se ficar mais um pouco?

Não aborrecia...

Foi quando pediu licença para, tirar a camisa.

- Ó calor ainda forte! Ainda bem que estamos em família.

Depois de um momento:

- Tira também teu casaquinho...

Ela aquiesceu, contanto que ele virasse o rosto para a parede. “Só abre os olhos, quando eu mandar.”

- Agora!...

- A gente devia acender a televisão, não era?

Vai ,tu fazer isso, vai.

Ele foi ligar o aparelho. Na volta, puxou-a para perto dele. Ao receio de que fosse adiante aquele afeto, a modista encolheu-se, trêmula. Havia mais a coincidência do programa do horário, novela de amor em que o galã beijava a moça.

- Como é bom quando se ama! - comentou o electricista, suspirando. E sem pedir permissão, despiu a calça, jurando não ser assanhamento. Não se ia dali - disse - dando aos vizinhos abelhudos a impressão de que a agarrara...

- Estou tão nervosa. Tu acaba querendo que eu tire também a combinação....

- Não estou pensando nisso.

Estava. Dai a pouco, beijando-lhe o cangote de penugem dourada, avisava:

- Tu te amarrota, criatura. Não falo mais.

- Não dizia?

- E faz mal? A gente se quer, não é?

Ela rendeu-se diante do artista que beijava a moça, repetidas vezes, a pensar, não fosse natural, sem maldade, a censura não permitiria. Por que continuar feito freira, com vergonha de' certos sonhos? Precisava de carinho. Não ia acabar os dias machucando os ovários em cima da máquina, fazendo' “vestido pras granfas se divertirem! Quem sabe se ao tempo ‘em que andou ‘vendo o viuvão feito touro atrás dela, não era falta de homem?”

João Inácio deitou-a no mosaico, foi para cima dela a lhe morder os beiços, atijando-a com palavras quentes, a mão a lhe tocar as partes mais intimas.

- Doido, não mexe aí!

Não agüentou mais. Ergueu-se do piso frio, atirou-se para o quarto, choramingando, desinfeliz como ainda falou para o namorado que a seguiu desejoso e cínico. E sem a cueca.

Agripina, sentada na cama, protegia o rosto entre as mãos suadas. Sofria, desamparada.

- Filhinha querida, largue essa bobagem! Lhe quero tanto!

Deitou-se' por trás dela, paciente. Ah, dizia-lhe, você é tão medrosinha... Carinhoso, começou a explicar-lhe não desejar aproveitar-se. Fora educado em lar cristão, cruzadinho aos nove anos, quase filho de Maria, depois...

- E se você for casado?

- Mas nunca lhe' encontrei antes...

- Tu és solteiro? Diz?

O homem beijou os dedos encruzados. Jurava por todos os santos.

- Jura também por tua mãezinha entrevada.

- Que morra estuporada se eu estiver mentindo...

- Por Deus; - fez ela tapando-lhe a boca. - Não precisa tanto!

Dormiram juntos. Ao outro dia, ele saiu para trazer tudo que possuía: um embrulho com três ternos e a maletinha de ferramentas para ligações elétricas. Quando Agripina reclamou não soar possivelmente bem aos vizinhos a permanência de ambos sob o mesmo teto, sem serem marido e esposa, respondeu:

- O mundo mudou, filhinha. Antigamente, tinha-se de dar satisfação a todos. Hoje, se a gente se gosta e se entende, basta.

- E o casamento?

- Tem seu dia.

Nunca teve. Solicitado a decidir-se, o eletricitista engendrava mil desculpas: – viagem de serviço, falta de documento, piora da mãezinha. Por cautela, a modista começou a tomar pílula para não conceber. Corriam histórias de criaturas que, por fraqueza igual, tinham pegado barriga.

Pelos três meses, desalentada, verificou: João não era de casar. Até a isso se conformou. Só não se resignou com o desinteresse dele, recente, a irresponsabilidade de ausentar-se de casa com pasmosa indiferença. Botou-o sob confissão: ‘Não me quer mais, diga. Detesto ser enganada.’ Ele defendeu-se; pedia só compreensão, tinha serviços contratados, eram viagens para o Crato, Sobral... Pensava pegar uma boa bolada, tornar-se independente, libertá-la da máquina de costura. Chegando esse dia, que não demorava, ela podia dizer: “não costuro mais pra rica nenhuma!”

Agripina suspendeu o anticoncepcional. A gravidez ser-lhe-ia providencial. Abriu-se com as freguesas:

– Vocês acham que devo ter um filho?

– Toma juízo! Esse homem vai é te deixar!

Freguesa, entendida em artes matrimoniais, doutrinou:

– Pai se rende aos encantos de filha. O sentimento de paternidade não acaba nunca!

– Se eu fosse você – repisava outra – não largava a pílula. Foi a coisa mais abençoada que Deus já botou no mundo, depois do homem.

Agripina decidiu, então, conceber.

Na cama, na rede, no divã, a começar desse dia, tomou as iniciativas que deveriam caber ao companheiro, animando-o a possuí-la: “Anda, experimenta de lado. Tem de ser desse jeito, hoje. Está no tempo!”

Fartado do amor de outras, ao retornar àquele contato íntimo, mas avelhantado, ele já não sentia pela mulher

o menor entusiasmo. E veio dia em que Agripina o esperou tarde da noite, o pés na máquina o tempo todo. Completou um enxoval de noiva, cortou dois vestidos, pespontou saias e camisolas. Como se não bastasse, reformou também as calcinhas de dormir. Depois, a espertar, foi caminhar pelo interior da casa, contemplar-se ao espelho no qual tomava prova das freguesas. “Estaria envelhecida, gasta?”

Com as mãos, maltratadas pelos alfinetes, soergueu um e outro seio, avaliando-os. “Que tal uma plástica para melhorar o busto?”

Ficou pisando e repisando a solidão que não podia apascentar, até ir parar no quarto, sentindo falta – já não dizia do electricista – mas de homem.

Deitou-se. Um relógio indiferente e opressivo ia alertando o ressonar da madrugada.

Teve um último pensamento: “Devia ter também operação plástica para consertar sentimentos.”

Domingo diferente
dos outros

— **T**e anima, criatura!

Ele veio do lado ensolarado; era um domingo dourado se' adentrando pela porta aberta. O calor, cedo, já abichornava, e não corria vento algum na encosta do morro. Embaixo, a levada descia morosa por entre tufos de verdura, renteando os canteiros de seu Zé Verdureiro; mal dava para lembrar a Rita o sitio bem plantado de onde viera. “Que se guardou da Rita rija, que ajudava os pais no trato do roçado? Hem, Rita, que foi feito da tua fecundez de” mulher? Valia ir ao espelhinho pendurado ,no quarto, a ver o que não existe mais?”

— Te prepara, vamos ter o dia legal.

— Legal em quê?

— Te apressa! Muda, logo o vestido de fazer visita.

Era tomar o traje de sair, — o dos batizados, dos passeios de trem e freqüência da igreja. Toda vez em que se mete nele, a esperar que se enxugue o do gasto, tem de explicar às vizinhas:

— Vou sair não. É que lavei o vestido do batente...

As amigas pasmavam: “Assim tu realça mais. Fica mais boazuda. É por isso que te dão piadas na bodega, na rua. Parece moça lá debaixo...” Relembavam coisas passadas, impulsos sentimentais, outros tantos que não podia recontar sem enrubescer.

- Que ar de bóba é esse? Te avia, o tempo passa. Muda a roupa. Não paramos hoje aqui, nos mandamos por aí...

- Por aí?

- Vamos sentar num bar, em restaurante daqueles que servem chopada, vendo os outros passear.

- Mas...

- Estou te dizendo! Anda, avia.

Ainda bem que o vestido vinha passado; era meter-se nele, depois de chegar aos sovacos depilados a água de cheiro, acautelando o suor. Não seria melhor tomar banho?

- Está suja assim?

Não estava. Por isso, demorou pouco vir lá de dentro sungando o traje, arrumando o porta-seios.

- Mas, Alfredo...

- Não me pergunte nada. Acha pouco? Pode-se ficar nesta, caixa de fósforo, o sol cobrindo tudo? Sopra vento aqui?

À porta do casebre apontou a periferia da cidade adiante. Os que podiam, desciam. Domingo, dia de dar uma de bom chefe de família, como o dono da mercearia que, afanando-se até meia-noite, de manhã largava-se para a praia, ou ia demorar em sítio de parente, voltando tarde, os meninos sonolentos, e ele de voz engrolada, feliz.

Comentava: - Não te vejo sair aos domingos. Ninguém vive sem descansar o corpo. Um passeio vez por outra serve... Agora, Rita lembrou-se: precisava saber se a comadre Francisca ficava com o menino.

- Na certa tu não quer levar ele.

- Menino não! Hoje é dia de adulto.

Bebel obstinou-se para não sair do fundo do quintalzinho. Foi difícil aceitar meter-se no sunga encardido. Choramingava.

- Diz a ele que a gente volta, trazendo pirulito.
Rita explicou ao filho:
- Pirulito de cor. Quer verde? quer encarnado?
Agora, Bebei chorava alto. Ela afobou-se. Empurrou-lhe na boca o bombom recebido de troco.
- Calado, peste! Na volta, já te disse, tu chupa um caminhão de pirulito.
- Mãe, as tampinhas.
Ela foi buscá-las ao fundo do quintal. Eram dezenas de chapinhas de refrigerantes, rolhas de garrafas, latas vazias de, cerveja.
- Ai, meu Deus, que troçada! Essa porcaria fica aqui. Quando voltar, brinca novamente. Agora, vem. Se chorar, largo o braço.
- Deixa de zanga, mulher. Tomo conta dele.
A vizinha, chegando, agarrou a criança:
- Vem, meu bem. Lá em casa tem muita tampinha de cerveja.
- A gente não demora não.
- Que é isso? Estarei reclamando alguma coisa? Aproveita enquanto o homem está de bolão no bolso.
Rita então pensou: o marido devia ter pegado algum otário no centro da cidade. O importante agora era gastar o dinheiro, enquanto não vinha a polícia saber por onde ele andara no dia anterior, com quem estivera, o que fizera.
Ele segurou a mão da mulher. Foram descendo; passaram perto dos canteiros de seu Zé. Tudo mais perfumado àquele dia. O homem ia e vinha por entre o renque de tomates viçosos. Parou para agradecer os cumprimentos, desejar aos dois uma boa manhã, fazer elogio especial a Rita.
- Tu podia ter uma ocupação dessa, era mais decente.
- Doida! Me conformo lá com serviço de mulher. Não agüentava ficar um mês agüando a planta.

- Dá dinheiro.
- Dinheiro se consegue mais fácil.

Alcançaram a Beira-Mar. Andaram pela calçada, abalroados, aos encontrões, pedindo desculpas, ouvindo resmungos abafados. Sol quente, molhado de maresia. Cada mulherão deitado na areia, de paninho curto cobrindo o que fingiam não querer mostrar. Paravam os dois, às vezes, a ver se era amigo que se acompanhava de outra mulher. Não era. Riam, passando por cima das pessoas estiradas; menininhas deitadas, umas de borco, o portaseios de lado.

Ficaram em lugar menos disputado. Ele fez Rita sentar-se perto, levantar o vestido, tomar sol nas pernas torneadas.

- Tu é doido mesmo...
- Mulher de perna branca não tem quem agüente.

Assim ficaram até o sol esbrasear. Deviam de dar onze horas ou mais. Ainda chegava gente à praia: a maioria punha-se logo dentro d'água, gritando. Ocorriam discussões. Atrevido houve que caiu por cima de uma senhora, que gritava, chamando a atenção dos, guardas.

- Agora, é tratar de almoçar.
- A gente vai pra casa?
- Não. Vamos comer aqui.

Procurou. o restaurante mais freqüentado, onde o moço ao violão contava a vida de homem valente, que imaginou fosse a dele. Rita, indecisa, relutava' sentar. Mas o marido botou a mão no ombro dela, de cima para baixo, fazendo-a largar-se na cadeira macia.

Ao rapaz que atendia, pediu:

- Uma meota gelada, tira-gosto de patinha de caranguejo, peixe cozido no principal.
- A senhora, também?

- É o mesmo prato.
- Porção para dois?
- Pra cada um de nós.
- Vai sobrar. É muita.
- Ó, meu chapa; já te disse: um prato para cada um.

Escreve no teu caderninho. A meota não deve demorar. Nem o tira-gosto. Se a patinha de caranguejo estiver em falta, manda saltar um camarão ao sal, torrado. A madame aqui acompanha em tudo.

- Dois copos?
- Claro!

Rita ia contar que só bebera uma vez, mas calou. Para que lembrar o que ficara longe, distante dela e dele? Dizia-se tudo a marido?

Tomaram a primeira meota, gulosos;, serviram-se dos camarões, deliciosos. Pessoas paravam a ver se descobriam lugar para sentar. Queriam ao menos uma cadeira, - o restaurante lotara.

Alfredo apressava o garçom, batendo palmas. Queria mais cerveja e cigarro.

- De filtro, meu chapa. *Size...*

Fumaram, beberam, comeram mais tarde as patinhas de caranguejo molhadas em molho tártaro.

- Tu agüenta mais?

A mulher agüentava. Aquilo parecia vir de longe, voltar, e ela, agora, já nem sabia porque bebia, o que havia de misterioso, de impuro ou perdoável na fruição desse contentamento.

Casais continuavam passando, agarrados, sacaneando. Homens de tangas, mulheres de biquíni. Ela, então, já não se controlava; teve vontade de se aconchegar ao marido. Mudou a posição da cadeira. Foi como se alterasse a direção de sua vida - assim imaginou - e se pusesse,

de repente, no rumo gostoso de lembranças perdidas. Aí, nesse exato momento, se encontrou com a outra Rita, a que parecia ter morrido dentro dela sem a frase gasta de “aqui jaz”. Jazera a atual, antes de chegar ao restaurante, mas ressuscitada ao desafio de uma vida que lhe entrava pelos poros, a surdir da garrafa, da tragada demorada do cigarro de filtro, à contemplação da sensualidade dos outros; redescobria-se na Rita que, havia muito, não se punha por inteiro no espelho de detrás da porta do casebre.

– Está bom? Quer beber mais?

Ele serviu-lhe. Já não o satisfazendo o cigarro, mastigava a ponta de charutão caro que lhe veio trazer o rapaz. Sentia-se contente porque Rita, como nunca, se adernava em seus braços, a se parecer carente dele.

Até pensou que ela fosse contrariar-se, julgá-lo irresponsável mais uma vez, quando lhe segredou baixo que o garçom ia ficar puto da vida; o garçom o dono do restaurante, a policia, o mundo todo.

– Não tenho um centavo pra pagar a despesa...

Rita riu. Riu mesmo, achando tudo aquilo muito natural e divertido.

Pela primeira vez, ele viu que a mulher não se importava de irem também juntos para o xadrez.

Princesa preta

– **P**rincesa de quê?

Sentada no tamborete, a mocinha acompanhava os movimentos de D. Rosalinda mexendo a sopa do Jantar, os cabelos puxados para trás por causa do calor.

– A mãe é tão fora das coisas! Princesa de televisão, do concurso...

– Você não sabia.? Sou do tempo antigo

– Não tem quem ignore a festa do clube para escolher a rainha e as princesas do mês de maio.

– Mas princesa preta? Por quê?

– Tem de ser uma branca e outra escurinha

Enquanto a mãe alongava o desinteresse, a moça dava detalhes. Havia sido convidada, visse, era a oportunidade. Era preta mas tinha o direito de aparecer. Insistiu:

– Quero ser princesa, mãe.

– Pega um livro, vai estudar que é melhor! Na tua idade eu ajudava minha mãe. Já sabia costurar.

– Olhe que bordar eu sei e nos estudos não sou das mais atrasadas.

– No meu tempo...

D. Rosalinda renarrava; Era quem ia à mercearia apanhar o pão, depois esperar o leiteiro, enquanto o pai enchia o pote, trazendo água do fundo do quintal, puxada à

bomda. A mãe passava o dia todo plantada diante do fogão, como agora ela.

A tonta da neta, não se cuidando, acabaria tendo vida pior...

- Os anos mudaram.

- É só que sabem dizer os moços de hoje.

Provou o sal na colher de pau. Ah a cabecinha vazia da filha! Para que se aplicava a mocidade hoje? Por que meter-se em animação de quem tem dinheiro? Enchia barriga?

- Ganha presente; tem enxoval completo, sapatos, pulseira de ouro...

- Diz logo as obrigações, diz.

- Só comparecer ao clube, tomar parte nas tertúlias.

- Tertúlia, não é? Isso significa dançar com cabeludos mal-educados...

- Princesa não dança, mãezinha. Será que a senhora não entende? Fica no palco, como figura de presépio.

- Princesa...

- Tem mãe *assim* querendo ver filha princesa!

- É... tem também rei nos pagodes de rua...

- Que besteira é essa da senhora ficar do contra, hem?

- Responsabilidade! Não sou dessas mães modernas que não esperam que as filhas voltem tarde da noite para casa. Você sabe disso. A que horas termina a festa?

- De madrugada, eu penso.

D. Rosalinda avivou o fogo. Propositadamente ficou de costas para a filha, sem querer conceder a impressão de que vacilava. Estava escolhida, lá isso era verdade. Antes, quem se lembrou dela? Podia aparecer um namorado jovem, de boas maneiras, capaz de propor casamento...

- Mãe, tira a cera do ouvido. Estou falando.

- Espera! Quero ver o tempero da sopa.

- Ah, já perdi de ser princesa... Que sorte a minha!

- Precisa a voz do choro? Explica mais. De quem é a responsabilidade do concurso?

- A diretoria é composta de doutor, de comerciante rico...

A mulher provou novamente a sopa. Tinha o ar de funda obstinação, a debater-se na dúvida. Seria mesmo a oportunidade de Minervina?

- Anda, mãe querida, consente logo...

- Arre! Já botei sal duas vezes. Não vê que me atrapalha?

- É em meu benefício, compreenda. Nunca lhe aborreci. Quando implicou com meu namorado, o sargento da PM, logo deixei ele. Não foi? Agora, está na hora de me atender.

- Sim, sim...

- Mãe, diz logo que vou ser princesa! Diz!

- E teu pai, quando voltar de viagem?

- E precisa dizer a ele? Um dia só de festa!

- Um dia? - o esclarecimento decepcionou-a.

- Sim, uma dia.

- Tanto sacrifício por tão pouco, eu pensei que era uma semana, um mês...

- Mamãe... - implorou a moça, às lágrimas.

D. Rosalinda imaginava o reinado maior, de muitos dias, a filha saindo de casa, todas as noites, nos trinques; as vizinhas por detrás das venezianas morrendo de inveja. Depois, era fácil surgir o noivo, motorista de deputado, contanto não fosse de ônibus...

- A senhora deixa?

- Ai, que acabo correndo doida com o teu aperreio!

- Sei que mereço, sei!

Calou. Viu a mãe afastar-se do fogão, aliviar-se do calor à janela dos fundos. No quintal, duas ou três galinhas ciscavam o chão.

- Princesa... - murmurava d. Rosalinda. Melhor do que a filha acabar os dias bombeando água no fundo do quintal, para lavar roupa, ou, como estava agora, na cozinha quente, feito escrava.

Com a manga do vestido, ela limpou o suor do rosto erodido pelo tempo; as marcas, nele, falavam pelas decepções sofridas, as amarguras disfarçadas...

- Vá lá. Mas, e o vestido?

Puseram-se tristes as duas. Minervina desceu do tamborete, foi juntar-se à mãe, que sofria. Ah, o vestido!

O silêncio brotou do piso encardido da cozinha como erva indesejável. E floresceu, maltratando.

- Ser pobre, que dependência horrível!

- Espere, filhinha. Dou um jeito.

Deixou a sopa no fogo, foi ao quarto. Nos raros momentos de abundância, escondia algumas cédulas no colchão da cama, a prevenir um câncer derradeiro.

Retornou logo à sala. Conferia o dinheiro encontrado.

- Será que dá?

Minervina fez as contas. Tinha o feitio, os adereços, o pano da combinação...

- Podia tirar a combinação...

- O vestido é comprido, não dá pra ver.

Em último caso, decidia d. Rosalinda, para completar o que faltasse, empenhava a aliança na Caixa Econômica.

Dá, mãezinha, dá!

Ah, meu Deus, a sopa vai queimar!

A velha correu para perto do fogão. A moça até pensou. que. ela fazia aquilo para não chorar de alegria na sua frente..

Nem notou que o silêncio rebrotava do piso da cozinha.

E não maltratava mais.

Rei dos fotógrafos

— O retrato!

O retrato, o retrato! Para onde a criança se virava. presentia-se mimada e elogiada, que era dia de ficar bonita para ser fotografada por profissional mandado vir da capital. Ele chegaria à tarde pelo trem. Os mais velhos, enquanto a criadinha pajeava Tininha (“Fica boazinha, minha filha” – “nada de beicinho, se não tu fica feia”), comentavam as pretensões do contratado. O homem relutara bastante em viajar até Pacatuba, por não gostar de trem nem de fazer “esse tipo de serviço fora das condições ideais e propícias de meu ateliê”.

Rendeu-se quando dobraram as vantagens e lhe acenaram com promessas de que outras pessoas – a mulher do prefeito, a filha da zeladora da igreja, o próprio reverendo, desejavam ver-se eternizados na arte do “insigne mestre”. Falharia ele? A tanto, aquiesceu, a exigir metade dos honorários pagos por antecipação.

A rigor, não era sensível ao trivial. Respondia aos cumprimentos, o rosto trancado, a impressão de que não gostava de fazer hora com ninguém. Repetia a todo instante: “Trabalho. O meu tempo é para fazer fotos ou retocá-los.”

Recusou café, guaraná e refresco de murici, apetecente no dizer dos pais de Tininha. Nem doce acei-

tou, ainda que o dissessem feito com bananas da serra, fresquinhas, por eximia arte da doceira que, ao mês entrante, completaria setenta anos de idade ao pé do fogão, sem se casar, obstinada pela quituteira que a envidiava. Banana seca, podia ser, só mais tarde, quando estivesse terminada a obrigação.

- E a menina? perguntava.

- Estão preparando.

A foto seria de interior, naquela sala em que estava, onde se haviam casado os pais da menina. No centro da mesa, de tampo preto, (informaram-no como se o fato houvesse ocorrido há dois dias), jazera o bisavô, senhor idoso, de cavanhaque pontudo, que o vigiava a três metros de altura posto em moldura com ostensivo sinal de luto. Ao lado, parada no tempo, e em seus sofrimentos, uma velhinha terna emergia para a realidade que ninguém compreendia. O fotógrafo imaginou fosse ela a esposa do homem de cavanhaque - um bruto civilizado - e sofresse muito dele.

- Esta sala é histórica. Aqui se casaram todos os membros da família.

Ficava. A foto, como queriam? - ia perguntando o profissional, monossilábico às respostas, desejoso que arredassem divã antigo, pesadão, de vestimenta aveludada em que sobressaíam florões vermelhos e ramagens de roxo mórbido.

- Pode, pois não. . .

Quase não conseguiu aluir o móvel preso ao assoalho, que se punham todos ali à fiscalização ostensiva do bisavô pretérito, "Fasta, pode fastar" - "Venham ajudar, senão perde-se tempo."

Acudiram outras pessoas; e o móvel foi deslocado.

- A tomada elétrica, onde fica?

- Aqui...

Escondia-se por detrás de outra peça de mobília antiga, austera. Mais poeira, mais manchas vermelhas no veludo puído pelo tempo. Finalmente, o fotógrafo ergueu os instrumentos de trabalho, avaliou a iluminação da sala, a indagar se podia abrir a janela.

O dono da casa ficou indeciso. Olhou na direção da mulher; entreolharam-se todos como se apanhados por uma irreverência de salão, empancados diante da tradição que persistia ali. Desde que o pai morrera., largando-se ao chão, após retornar da serra entardecente, a que tanto apreciava (a serra ou a empregadinha do vizinho?), a família decidira trazê-la cerrada como vira situação semelhante em filme italiano. Abririam-na agora? Que comentariam, depois, as irmãs do falecido, vivas impertinentes?

- É só por meia hora... - acudiu o fotógrafo, tentando conciliar o impasse.

- Meia hora? O senhor diz meia hora?

- Não ficará aberta à noite toda.

- Certo. Pois não.

Só então lhe perguntaram o nome. Não respondeu. Retirou do bolso e cartela em que metia os cartões de visita. Estendeu um deles à dona da casa - aprendera, o cartão de visita tem de ser passado. primeiro às mãos da senhora, como prova de atenção - e entregou outro ao homem, que leu para os presentes o que estava escrito: "Rogério do Nascimento Silva, rei dos fotógrafos. Atende a domicilio, sob contrato prévio. Ampliações e retoques de fotos antigas. Não tira retrato de morto. Tem medalhas de ouro."

- Então, senhor Rogério...

- Rogér. É como gosto que me tratem. Rogér. Simplifica, compatibiliza o relacionamento com os clientes. Rogér... Pode servir-me um pouco d'água?

Sentou-se. Veio a água. Bebeu-a. E a criança?

- Tininha vem já...

Pediu licença para fumar. Toda vez que podia, espiava o retrato do bisavô da menina, pendurado no tempo, no espaço, nem sabe dizer onde. A experiência dizia-lhe: estava ali um finório...

- Homem direito. Cel. Luzardo! Nobre.

- Hum, hum.....

- Respeitável figura da política do lugar.

- E a menina? Estará pronta?

Não, ainda. Alguém foi ao interior mais íntimo da casa saber o que acontecia. Vinha. As pisadas eram de Tininha. Quando chegou à sala, outras pessoas em cortejo, falantes, se introduziram também, azafanadas: ama, madrinha de apresentação, de crisma, professora de Jardim de Infância, costureira, todos, enfim, que colaboravam para a glória daquele instante.

- O senhor deve caprichar. A menina é linda!

- Fiz o que pude no penteado dela!

- O vestido, sem falsa modéstia minha, ficou uma beleza. Lindinho!

Não era a Tininha, decididamente, quem estava ali com os seus cinco anos, a fazer de mão espalmada, porque a forçavam a tanto, a figuração da idade.

- Cinquinho, né? Faz cinquinho pro homem, faz!

- Ah, como é inteligente!

- Tem a quem puxar. O pai é um talento!

Onde ficava a menina? Não seria melhor sentá-la em cima da mesa? na cadeira de comer, em dia de recepção, como gente adulta?

- Se senta ela na cadeirinha?

- Fica de pé?

- Olha pra titia, meu bem! Ô coisinha fofa!

- Quer o gatinho da vovó?
- Tenho um docinho guardado pra você.

Foi quando o fotógrafo interveio, parecendo a todos não ser um homem educado, tão abusado se mostrou. Impôs silêncio aos da sala, meio ríspido. Até Tininha calou diante das palavras que surgiam daquele vulto, que se cobrira com a capa preta, como o demônio da história lhe contada todas as noites antes de dormir.

- Assim, não! Quem é que pode trabalhar desse modo?

Queriam foto bonita, era? Então, calassem o bico, não o embaraçassem mais com tamanho alarido. E, por favor, abandonassem a sala. Ele precisava de liberdade, de tranquilidade, de paz...

- Temos de sair?
- Todo mundo. Depois eu chamo.
- Ali...
- Você fica comigo, não é Tininha?

Ela aquiesceu, enquanto ele complementava:

- Retrato de criança dá trabalho. É arte. Por favor, por favor, sou grosseiro, mas tem de ser assim.

A sala ficou livre dos intrusos. Nela, só o rei dos fotógrafos e Tininha, desconfiada, a encarar a máquina de tirar retrato e a esquisitice do desconhecido. Agora, como em passe de mágica, o homem adquiriu um falar macio, abemolado, de tal modo aliciante, que Tininha se lhe foi ficando rendida.

- Você tira as rendinhas do vestido?
- Hum, hum.
- E os babadinhos?
- ...
- Agora, deixe-me ver.. . ah, essa fivela feia, tira?
- Duas?

- As duas, sim. São horríveis.
- Boto no chão, né?
- É.
- Piso elas?
- Pise em todas duas.

Ela esmagou-as, crac-crac. Começou a rir para ele. Sentou-se no assoalho. Repuxou o vestido já despojado de rendas e babados. Ele veio, então, até perto dela; desmanchou-lhe o pega-rapaz de seu rostinho, sinalzinho feito com cabeça de alfinete empretecido na fumaça.

- Fica quietinha, agora.
- Num quero não.
- E que é que tu queres fazer?

Ela pensou, pensou, mas acabou falando:

- Virar bunacanasca.
- Pois vira.

Virou uma, duas, mais vezes. Depois, olhou para ele, gostando da brincadeira, de poder fazer o que queria.

O rei dos fotógrafos então acionou a máquina.

- Diz merda.

Ela disse.

- Dá a língua.

Estirou-lha, rósea, delicadamente rósea e úmida.

- Está bem, vai indo tudo muito bem...

Quando os pais retornaram à sala, acompanhados do séquito de parentes e criados, era o homem quem pou-sava para Tininha.

E dava língua, e também dizia:

- Merda, merda, merda...

O campeão consumido

“Bem, bom mesmo é fingir que está cansado e pegar o ouro descuidado. Baixa-se o pau, então. O murro bate, o cabra cai”. Os meninos queriam saber: “tu perde?” Godô metia a mão na cabeça deles, afagava-lhes os cabelos sujos, contando prosa: “Sou campeão! Não abro pra ninguém.”

Os mais crescidos do grupo faziam de conta que o lutador ia bem de vida, mas sabiam de seu descompasso pelas roupas que vestia, a camisa com o gigante desenhado no peito, remendada.

Tu vai lutar na feira deste ano?

– Não. É mixaria a bolsa do vencedor...

Minam surgiu na porta da casa, a reclamar a demora do marido. Veio até a calçada desfazer a reunião. Era assim? Ela, na cozinha, fazendo bolo para vender no mercado, e ele contando lérias!

– Estava falando das minhas lutas.

– Vem me ajudar, homem!

– Você não compreende. É preciso confiar no peso do meu braço. Um dia ganho um bolão de verdade.

A mulher respondeu qualquer coisa> ele não entendeu, e se afastou. Ela não tinha o direito, pensava, de desmerecê-lo. Andava em maré de azar. Não o queriam

mais para as preliminares. Da última vez apanhou feio. O próprio empresário foi bastante franco: “Desista. Você não tem mais condições.”

– Fala, Godô.

– Estava pensando na luta com o Pantera. Lutador fortudo, de beijões. Apanhou até dizer chega. Foi ao chão umas poucas vezes. Nisso o juiz achou que era demais, estava passando da conta, suspendeu o combate.

Mirian parou novamente diante dele:

– Deixa de besteirada, homem. – E afugentou o bando. Um menininho sardento não gostou da grosseria. “Como é, dona, a gente não pode ficar na calçada?”

Pode não!

– Mas a calçada é do governo!

– A calçada é da minha casa, amarelo! Vá ver o que sua mãe está fazendo. Vá.

– Pronto, acabou a conversa, pessoal. Amanhã, conto mais – prometeu Godô, ressentido. Entrou em casa. Foi parar no fundo do quintal, já sem a camisa do gigante desenhado. Pôs-se a treinar esmurrando o saco de molambos, pendurado no sapotizeiro. Quando imaginou ter-se acalmado a esposa, retornou ao interior da casa.

Diante do fogão, Minam (nem parecia aquela que conhecera, faceira...) esquentava a sopa. Ah, se o marido soubesse como andava preocupada!

Godô sentou-se à mesa, desconfiado, com vontade de saber porque ela se zangara. “Você nunca foi assim...”

Daí a momento, ouviu:

– Mãe vai chegar.

– Quando?

– De tarde. Amanhã.

Levantando-se, foi abraçá-la. Mirian exasperou-se. Era hora de agrado? Visse, a mãe pensava ter ele bom

emprego, ser campeão de verdade, notícia de jornal. E agora? Que faziam?

Calados, jantaram. Depois, ele sentou no velho divã, a um canto da sala; ela pensava numa providência que impedisse a vinda da mãe.

- É caro um telegrama?

- Depende das palavras.

- Queria passar um, pedir a mamãe para adiar a viagem.

No Intimo, ele torcia para que a velha viesse. Quem sabe se, deparando a miséria em que andavam, não lhes emprestaria dinheiro? Quando conheceu Mirian, metida em vestidinhos bem passados, imaginou tratar-se de moça de melhor condição.

Em. que é que tu está pensando?

- Hem?

- Estará doido? Passo o telegrama?

- E o dinheiro?

Acendeu o cigarro. A sopa ardia-lhe no estômago. Fizeram mal comprar os ossos com fiapos de carne escura...

Um silêncio incômodo crescia com a tristeza da mulher, de olhos pregados no chão encardido, como se não se desse conta de sua presença ali. Não passava bem.

- Acho que a comida me fez mal.

- E a mim também.

- Bebe um pouco d'água.

- Quero não.

Depois de um momento:

- Campeão... Mamãe vem te conhecer, Godô. Quer ver de perto o genro que possui. Nas cartas, contei tanta coisa boa a teu respeito! Sei que é pecado mentir, mas te amo. Podia dizer diferente? Às vezes sou bruta contigo, compreende, não é? A gente tem que exigir, parecer dura. Te quero tanto! E vem mamãe botar tudo a perder...

- Desculpe...

- Já lutaste no Rio?

- Nunca.

- Foi o lugar da luta mais bonita que descrevi pra ela.

Falei que te entrevistaram no Flávio Cavalcanti« no Silvio Santos. E se mamãe quiser ver tudo isso, Godô? - Aí a mulher cresceu, pôs-se no meio da sala, vermelha de raiva. - Ah, devia ter dito toda a verdade, era o certo, mas mentir, nunca!

Chorava, se achando infeliz, digna de melhor sorte. E se dizer que tivera outros pretendentes, rapaz hoje dono de duas mercearias afreguesadas. Perdeu tudo, até vida de mais folga com empregada de cozinha.

Quando olhou ao derredor, assustou-se. Estava só.

- Godô? .

Saiu percorrendo a casa, chamando-o, assim como se procura um bicho de estimação.

- Godô? Godô? Godô!!!

Não estava na calçada, nem na esquina. Os meninos não sabiam informar o paradeiro do marido.

Sumira.

A mãe de Mirian veio; demorou dois dias. Desagradou-a a casa. "Meu Deus, como é fria!" Implicou com a rua e os meninos ruidosos. O quarto cimentado, o melhor que havia, desadorou. "Vou sentir novamente meu reumatismo." Considerou o banheiro apertado, além de precisar ir ao fundo do quintal, sujar os pés... De noite, irritou-se com o vizinho de lado que falava alto, altercando com a mulher.

- Cadê Godô? Quero ver Godô. Por que não vem?

Mirian engendrava explicações.

- Mãe, Godô foi lutar... no Piauí.
- No Piauí? Mas no Piauí?!
- Dão lá uma grande bolsa. É muito dinheiro. A gente estava precisando...

Em outra oportunidade, ao jantar:

- Me diga, Godô é direito? Tem rapariga não?

- Tem não, mamãe.

- Bebe?

- Que é isso, mamãe!

- É bom não confiar tanto. Sendo o que é, tendo tanta vitória nesse tal de boxe, devia trazer mais coisa pra dentro de casa...

Mas, mamãe...

- Um dia você vai confessar-me tudo.

Foi-se depois, no outro dia: "Posso levar isso?" - "E essa toalhinha?" - "Estou precisando tanto de um espelho..."

Godô devia de aguardar só a partida da sogra, para voltar. Entrou em casa, calmo, como se dali não tivesse saldo. Foi ao pote. Com o caneco de flandres pescou a água, e bebeu-a com avidez. A seguir, foi ao armário devorar uma sobra de prato. Mirian esteve para dizer-lhe que era a comida do bichano; não teve tempo de falar.

Ele sentou-se atento às novidades, as carnes do rosto pareciam mais gastas, consumidas.

- Godô, eu disse a mãe que você tinha viajado para lutar. No Piauí... Na hora não me lembrei de lugar maior, Rio ou São Paulo, como você gosta de contar...

As palavras dela abalaram o silêncio, como um canto de pássaro que só aparece em sonho; acudiram a todos os cantos da sala e ao coração de Godô.

Ele estava morrendo de fome, mas sorriu feliz.

Os entremeios do casamento

Era manicura, admirada por todos. Faziam fila para ver atendidos por ela. Viera de Pacatuba, onde pretendia ficar até o fim da vida, não fosse a precariedade do meio, o ganho insuficiente. Em Fortaleza, bastou demonstrar as habilidades, contratou-a o Salão Elegante. Tinha corpo atraente e agradava muito o tom de voz, meio rouco, quando discutia futebol.

Ao conhecer Julião, antigo freqüentador do salão, rendido às suas artes, não pensava em casar. De começo, achou a preferência do rapaz muito natural, mas ao passar dos dias ficou-lhe sensível a maneira de tratar, aqueles olhos de muito querer, com que a cobria.

Até então Zenaide não alimentava compromissos. Casar para quê? Passava o esmalte nas unhas do apaixonado, recuava o corpo (precisava de lentes, mas não admitia) a ver se a meia lua caprichada ficara no ponto.. Dava o acabamento, movimentando a ventarola de papelão, anúncio de cerveja. Ventilador elétrico não servia; punha poeira no esmalte... - explicava. E Julião, indócil, o tempo todo insistindo: - anda, diz que quer casar comigo.

As colegas, maliciosas, antecipavam-se aos fatos:

- Tu acaba sendo dele, mas toma cuidado. Ele é bom no copo.

À festa do casamento acudiram todos.

Não faltou ninguém do salão. Sucesso a casa que alugaram na Cidade 2.000, fiança garantida pelo patrão, que desejava manter a manicura.

Quem esperou ver Julião exceder-se na bebida, ficou só no desejo. Foi o mais sóbrio dos homens. Uma ou outra vez, andou provando o vinho, mas aos brindes. A todo instante erguia as mãos, exibindo as unhas polidas: “Ela me pegou com essa bossa!”

– Também pudera! Sempre foi a rainha do salão! – repetiam os convidados em refrão.

No primeiro mês de casados, desavieram-se.

Julião implicou com o horário do Salão, o de sábado principalmente – Em vão ela tentou justificar. Era dia de maior movimento, a fêria boa. Podiam fazer economia, reformar o banheiro com a permissão do senhorio... ou comprar uma casinha mais modesta, para morarem.

O marido obstinou-se. Mulher tinha de viver dentro de casa. E mais nada de discutir futebol, falar em joga dor cabeludo, chamando-o com intimidade. Era direito? Era correto?

– Meu Deus, você está com ciúme?

– Talvez.

Palavra vai, palavra vem, o homem exaltou-se. Bateu nela. Não tão forte o tabefe, mas estalou e doeu. A coitadinha assustou-se. Não estava acostumada a esse tratamento. Homens sempre a cativaram com frases adocicadas, de flor para cima.

– Mulher é para viver no lar! Mamãe já dizia. É para tirar penico do quarto e lavar cueca!

Zenaide amarrou o choro. Não merecia aquela asperidade, tamanha grosseria do marido. Calou-se, envolvida por silêncio e dor maltratantes. Murchava, arrependida de ter sido sempre correta, nunca aceitando a corte dos fregueses.

Julião saiu, mas não demorou voltar cheio de aguardente. Viveu o resto do domingo, escornado, a cantar melodias obscenas, uma que falava em “afrouxar o periquito”. Deu, depois, em percorrer a casa, batendo nos móveis, enquanto Zenaide, aflita, torcia para chegar a noite, solver-se a hora má. Veio a segunda-feira, e ela era um só desejo, o de logo comparecer ao salão.

Por mais que tentasse disfarçar a face arroxeadada, não pôde.

– Meu Deus, a senhora caiu?

Assentia. Para outro, inventou que escorregara no banheiro, à pressa de sair para o trabalho.

Cavalheiro delicado aconselhou: “Bote logo compressa de *Maravilha*) e muito cuidado. Tia minha morreu de um tombo desse. Parecia tão sem importância!”

Até o final da tarde, atendeu a quatro ou cinco clientes igualmente apiedados, todos recomendando unguentos, massagens e mais precaução. À saída do salão, encontrou o marido. Não se falaram. Ele acompanhou-a até a porta da casa, tal qual um intruso. Quando entraram, o homem agarrou-a tentando beijá-la. Proclamava-se arrependido, a prometer não mais desgostá-la. Ela perdoava-o?

Zenaide não sabia o que dizer. Desvencilhou-se do marido, foi esquentar a refeição. Ele foi ao banheiro, não tardou reaparecer, nu da cintura para cima, a toalha molhada sobre o ombro, a recender a talco. Ela quase fraquejou, a pensar em cama, em intimidade. Mas arrepiou-se toda, enjoada. Se o marido concordasse, podiam ir ver o jogo decisivo do campeonato. Mas...

Julião ficou diante dela:

– Como é? Tu perdeu a voz?

Ela estava imaginando. “Depois do futebol, iam à beira-mar tomar um drinque, respirar maresia, segurar a mão dele...”

- Quer falar não?

Zenaide continuava muda, os olhos cerrados, desejava de abstrair-se da sala, da refeição, da casa, do cheiro de homem que ela sentia confundir-se com o odor do talco.

- Burra! Você não vê que gosto de você? Não sei onde estou que não lhe meto o braço outra vez!

Empurrou-a. Nem notou que a mulher caíra por cima da mesa, fazendo rolar xícaras e pratos ao chão.

- Não me deito mais com você, mal agradecida.

Meteu uns trocados na calça *Lee*, pescados na carteirinha dela, e se despachou. "Não regresso antes da madrugada. Vou atrás de quem me dê amor."

Zenaide dormiu mal.

Não escapou de pesadelo, daqueles que a revista de decifrar sonhos não explica. Deu graças a Deus quando clareou o dia. Foi quem primeiro chegou ao Salão, indo direto à mesinha de trabalho. Abriu o estojo, limou o bico do alicate, pôs a tesourinha ao alcance da mão, arrumou os vidros de esmalte, acendeu o fervedor a álcool, de esterilizar toalhinhas. Subiu o volume do radiozinho de pilha.

O locutor, de voz pausada, anunciava o horóscopo dos nascidos em fevereiro, o mês dela.

- "Os que viram a luz nesse dia, sob este signo, não devem persistir em contrariedades domésticas, porque vão se prejudicar ainda mais nas suas relações de amor. Se marcaram viagem, convém adiá-la Não escrevam cartas até o último dia do mês. Esqueçam as ofensas recebidas no interior do lar. Invejosos estão tentando tudo para destruir os que se amam verdadeiramente."

Ao final da tarde, ela observou um homem na calçada, do outro lado da rua, como se quisesse localizar alguém dentro do salão. Era o marido.

Antes de largar o serviço, estava morta de pena dele.

Os crimes do amor

Deixou o Crato, pensando na mulher: “Ai, eu te adoro, Madalena!” Véspera de Ano Novo. Depois da viagem, largaria o estafante emprego, não passava mais por perto de máquina *diesel*.

O trem corria, mas Nicanor não via a paisagem ressurdindo o bom ar molhado do inverno. Madalena metia-se em tudo, nas árvores, nos povoados. Era a mocinha safada, que se banhava no rio, mostrando os peitos aos passageiros; dona de casa, sorridente e feliz, que, em certa estação, via o trem passar. Nas paradas obrigatórias, de mais demora, o maquinista saltava da locomotiva para comprar frutas, atrás de uvas pretas, miudinhas, que deliciavam Madá. Difícil encontrá-las; desejadas agora.

À pressa de chegar, botou a composição adiantada ao horário. Foi-lhe em cima o inspetor de tráfego, abusado, ameaçando-o de punição.” Fosse menos irresponsável, se queria ficar na estrada de ferro...” Nem pôde desculpar-se, era feio dizer que desatentara para o relógio, querendo meter-se com a mulherzinha na cama quanto antes. Precisava chegar cedo...

Por essas e outras, largava o emprego. As viagens, a rigidez das paradas, a submissão ao relógio arruinavam-lhe a saúde e o amor. Que mulher havia no mundo, capaz

de amar um eterno ausente do lar? Não era sem razão que Madalena implicava com as viagens que fazia.

Ao meter o trem na estação central, em Fortaleza, sentiu-se outro. Daí a instantes, podia comemorar a entrada do ano. Foi acomodar na sacola improvisada as rapaduras de Grato, os queijos de Quixadá, e, com requinte de arrumação, por cima do volume, as cestinhas de uvas pretas. Teve de alugar um jipe, à pressa de chegar em casa, contentar-se a si mesmo e a esposa.

Diante da residência, sacudiu o pó do viajão que fizera e despachou o motorista com gorda gratificação, dizendo: “É seus anos.” Foi bater na porta da frente. Ninguém atendeu. Valeu-se da do oitão, da janela que havia para iluminar o quarto de casal. Nada. Por mais que fizesse ruído, nada se mexeu, rumor nenhum houve de gente acordando para dizer: “Quem é? É meu querido?” Silêncio em tudo. Ai o homem estomagou-se deveras. Aonde teria ido a mulher?

Não sucedia a cena pela primeira vez. Na viagem anterior, justamente ao regressar tarde da noite, colhera idêntico aborrecimento. Depois de bater à porta, acudira até o oitão, não havia viva alma. Mais tarde, Madalena aparecia debaixo de mil desculpas, – confundira o dia de sua chegada, fora fazer uma visita...

– Nicanor, meu bem, me desculpe!

Nessa de Nicanor-meu-bem-me-desculpe não ia mais. Bufando de raiva, descansou a sacola no chão. Forçou a porta, dando-lhe pesadas, sem conseguir abri-la. Arrodeou a casa, podia acontecer de estar algum ferrolho mal metido. Desenganou-se. Pôs-se sobre os mesmos passos, o cigarro esbraseado, a dor da indelicadeza da mulher, ardendo. E se dizer que ela fazia aquilo a homem que merecia distinção, modelo de marido bem comportado, sério,

que não dava confiança a outras mulheres por onde andava. Aonde ia, cuidava de comprar as frutas de que mais ela gostava. Agora, vinha trazendo uvas, pretas, de fim de estação, trabalhosas de achar, e a infeliz lhe ignorava a delicadeza, a atenção de servi-la.

Dava meia-noite quando a mulher apareceu. Mal saltou do táxi; que logo arrancou, explicou ter ido matar o tempo vendo um filme de amor, adormecera na sala de projeção, ele entendesse...

- Nicanor, meu bem!

É a primeira vez que tu faz isso? Perdoa, queridinho. Sou lesa.

- Mulher direita não procede assim.

Dentro da casa, enfurecido, ele deu-lhe um sopapo. Para não ir ao chão, ela agarrou-se à porta do corredor, surpresa com a repentina exaltação do homem. Parecia muito ofendida quando lhe disse: "É coisa que tu faça com a tua mulherzinha? Nem rapariga de soldado sofre desse jeito".

- E eu com isso?

Madalena foi empurrada novamente. Escorregando, estatelou-se no chão, de tijolo vermelho. Ah, era assim? Não ficava mais ali, disse. As amigas tinham razão quando a advertiram para o casamento dos dois. Ia entregar-se a um maquinista de segunda. classe, magro e com defeito na perna. Que, podia um macho desse lhe dar em troca do amor concedido na cama? Merda de uva preta, merda de queijo do Quixadá, merda de rapadura! Socasse tudo no rabo, e,, havendo lugar, metesse também, de quebra, a sacola com mais coisas que lhe trouxera.

- Mudo meu nome se continuar vivendo contigo.

Enfiou-se no quarto. De lá saiu,, logo depois, carregando a bolsa, na qual ele adivinhou as peças íntimas, de

dormir, talvez os ouros, a pulseirinha que lhe dera no último aniversário. Ao meio da sala, ante a fisionomia do homem ofendido, vociferou:

- Pensa que todo macho é como tu?

Ele irritou-se ainda mais:

- Traduz isso, galinha!

- Como tu, que por migalhas, quer a sujeição total de uma esposa!

- Quero só atenção, obediência, respeito.

- Respeito uma porra! E saia do meio, quero passar!

Ah, é assim? Pois seja! Não lhe dou o gosto de pensar que me abandona. Lhe boto pra fora, agora. Por ali, por ali, vagabunda do fundo murcho. Vá, sua foló!

Pela porta escancarada, tocou-a, com bolsa e tudo," para o meio da rua.

- Longe daqui, rameira desavergonhada!

Bateu a porta, violento. Ainda bem, acudia-lhe o pensamento - não tinha filhos. Só, tudo se resolvia sem dolorir muito. No banheiro, porque faltasse água na jarra, desistiu de banhar-se. Enxugou o suor que descia grosso das axilas. Daí, a pouco, ao soar da meia-noite, ocorrendo o explodir de fogos, o ruído de carros estridentes, deu com o novo ano. Ainda mais aquela, sem mulher, contrariado, no limiar de nova jornada...

Quis vestir roupa limpa. Não encontrou nenhuma. Afobou-se à beira do fogão, ao tentar esquentar a comida. O caldo não engrossava nem temperava. Sofrido, contentou-se com comer queijo e chupar. laranja, das que trouxera para a ingrata.

O calor desabava, talvez prenuncio de chuva, a primeira do ano. Pôs-se sem blusa, a refrescar-se, e sentou na sala, a porta aberta. Quanto mais recordava o incidente, mais se atormentava. Que lhe diriam os vizinhos, ao

outro dia, sabendo que dera uma de machão? Ficariam por ele ou por Madalena?

Pelas duas horas, já havia chupado quase todas as uvas pretas, e, agora, maldizendo o estômago, arrotava choco. Andou à procura de bicarbonato, foi ao armário, nem aspirina encontrou dentro da caixinha dos remédios de urgência. Paciência.

Chegou até a rua, por desfastio. Já eram raros os que recolhiam depois das comemorações. Como ansiara por estar ali, nessa hora, ao lado de Madá! Tinha escolhido o primeiro dia do ano para anunciar-lhe a decisão tantas vezes adiada:

“Deixo a estrada de ferro, como você queria. Agora, vamos ter a vida mais juntos, mais felizes. Fiz economias...

Houvesse dado tudo certo, estaria agora bebendo cerveja por conta da decisão histórica, até chegar o sono. Indo para o quarto, meio zozó, haveria de ouvir a mulher pedindo para ele contar virada de trem, “aquela em que a máquina desceu uma ponte”...

Expirava a agitação da noite.

Curioso, Nicanor deixou a frente da casa, ansiando por mover-se, se apaziguar. De pé, um tempo enorme, deixou-se ficar depois recebendo a brisa que soprava. E se impacientando, deu de andar um pouco, sem saber ao menos o que buscava. E topou Madalena, sentada no batedor da casa do vizinho; parecia embrulho sem dono.

Deu-lhe uma pena! Antes de decidir, realmente ainda pensou: “Quem bota pra fora, tem direito de também botar pra dentro”.

Desadornação em família

Tinha cabelos brancos desde mocinho, dizia. Aos vizinhos alardeava vigor que jamais possuía. Não raro, um ou outro teimava com seu Pereirinha. Tempo perdido. Agora já trocava o nome das pessoas, não se lembrava quem era. E haveria de complicar-se, um dia, quando .pretendeu comungar de cuecas, conforme expressa recomendação dos anjos. A família, resumida a duas moças, em dia de: muito vexame resolveu chamar o serviço urgente do INPS. O médico admirou-se do quadro clínico que deparou.

- Deus do céu, isto é arteriosclerose em alto grau!

- E mata? - quis saber Rosinha, a mais nova, como se resposta afirmativa a satisfizesse. O profissional contemplou-lhe os peitos murchos, sem saber ao certo se fora ela ou a outra que lhe falara. Diante do lavatório improvisado soube então da que se chamava Elvira, que tinha os cabelos nos *bobs*, a vida da família nos últimos tempos. Velho é velho, entendesse o doutor. Era pai, mas o trabalho” que dava, passava da conta. Não queria ficar sentado, vendo revista nem televisão. O destino era andar.

- O que a gente dá a ele? - indagou Rosinha.

- Moça, eu aconselharia...

A proibir, começou dizendo em voz desanimada, que lhe sala por simples rotina de comunicação profissional,

qualquer excesso de gordura. Deviam evitar as frituras, portanto; os ovos, as carnes reimosas – pato nem por sonho!

- E galinha?

- Sendo novinha, pode. Seria bom também que ele comesse um pouco de...

Calou-se. O desalento dos circunstantes (estavam todos de paladar aguçado pelos pratos sugeridos) fê-lo arrepender-se do que falava. Naquele instante, mais uma vez, abominou a previdência social exercida assim pela metade. Que valia o acudimento médico sem um regime alimentar adequado?

Na ambulância, despediu-se, formal e distante:

- Foi prazer. Precisando, é só ligar novamente.

O veículo partiu, e o grupo parado, na calçada, passou-se para o botequim onde altercavam desconhecidos. A vizinha, que viera saber se acontecera um desastre (“foi gente que morreu?”), considerou incompetente o médico do Instituto. No seu entender, estava aprendendo à custa da pobreza.

Mais tarde o doente outra vez entrou em crise.

- Tirem essa coisa da minha rede! É um bicho!

Elvira, de rosto contraído, nervosa, falava o tempo todo:

- Quero só ver como é que vai ser minha vida. Acabo perdendo o emprego.

- E eu? Você pelo menos sai ,de casa, ainda fica longe dele...

O velho piorou desde então. Quando menos as duas esperavam, fugia de casa. Encontravam-no, horas depois, em lugares ermos, afastados. Tornou comum o locutor da irradiadora do bairro avisar: “Quem tiver notícia de um velhinho cheio de prosa, dizendo que é moço, é vir correndo avisar na casa da mocinha Elvira. A família gratifica bem”.

Um dia, a rádio-patrolha veio trazê-lo. Estava ébrio.
- Papai! O senhor nesse estado?!
- Andei comemorando o aniversário do compadre Belisário.

- O Belisário já morreu! Faz mais de dez anos!
- Pois na festa, foi de nós todos quem mais bebeu. Saiu arrastado.

Deitaram-no, babando, na rede passada no canto do quarto. Tinha o olhar incerto, como se não visse mais ninguém. Transcorrido uma enormidade de tempo, rompeu o silêncio:

Rosinha, sua mãe já voltou da missa?

- Voltou - mentiu a moça.

- E ela não morreu?

- Ora, o senhor quer é levar a gente na brincadeira!

- Não seja respondona, menina! Me respeite.

Deram-lhe café quente, amargo, para espertá-lo.

Elvira sentenciou:

- Agora eu sei que vou perder tudo; passeio, namorado...

De pernas inchadas, já não podia erguer-se da rede.

- Meu Deus, como pesam os ferros que vocês botaram nos meus pés! Tenham pena de mim!

Ficou malcriado, fácil no palavrão. Nem os mais idosos desejavam-lhe a convivência. Iludindo a vigilância de Elvira e Rosinha, de repente se punha na janela a estirar língua para quem passava na calçada. Insultava, pregava susto às velhinhas que iam à igreja, ao cair da tarde. Diante disso, a comissão de moradores do bairro decidiu junto às moças:

- É o paizinho de vocês, mas tem de ficar preso. Não se agüenta viver sobressaltado.

Aquiescendo, as filhas confinaram o pai no último quarto da casa, onde guardavam móveis imprestáveis. Agora, passavam-lhe as refeições através de abertura mandada abrir na porta. Quando o exíguo compartimento tre-sandava a amoníaco, as duas altercavam para saber qual delas providenciaria a retirada do vaso das necessidades. Rosinha não suportava entrar no compartimento malcheiroso, para aliviar o urinol.

- Eu não vou. Ninguém me obriga fazer esse serviço.
- Por quê? A semana passada, quem limpou tudo fui eu.
- Mas não vou. Não posso! Fico de estômago embrulhado. Sinto uma coisa esquisita. Acho tudo tão porco... sei lá!

- Olha esta linguagem, ele é teu pai!
- É teu, também.
- Bem, se a gente dividisse o trabalho, era mais fácil.
- Não vou, não vou e pronto.

Certa de que não valia a pena insistir, Elvira foi ao armário da cozinha servir-se do quinado ali guardado para essas horas. Veio-lhe à lembrança, então, o coveiro do cemitério de sua cidadezinha serrana. Só enterrava os mortos, bebendo primeiro...

Quando a chaleira ferveu, erguendo a tampa, ela bebeu outra vez. Odiava a irmã, preguiçosa, imprestável, insensível diante da situação do pai enfermo, decrépito.

Viu a água encher a bacia, que apanhou ao fundo do quintal, onde ficava a escorrer. Experimentou a temperatura. Ainda pensou sair do quarto almisquento, repetir a bebida. Mas começou. a despir o pai, que se rendia dócil e inútil; Fenecera-lhe já agora a vontade de fugir de casa, ou relembrar os mortos da família. Seu mundo, hoje, era a bacia de. flandres, o lago colorido pelo permanganato de potassa, em que se sentava.

De repente, urinando, o homem desatou a rir, feliz. O jato amarelo, contrastando na água rósea, alegrava-o. Começou a pelejar para agarrar aquela coisa que ora se escondia, ora se enroscava, fluindo, refluindo, desaparecendo por debaixo do sexo pelento, emurhecido.

- Ah! Ah! Ah! Ah!

Da janela, Rosinha baforando propositadamente o cigarro barato, estugava:

- Avia com isso ou encosta a porta! A catunga chega até aqui fora!

- Ah! Ah! Ah! Ah!~

Elvira cerrou os olhos. Sentia-se tonta, a cabeça girando, girando... Era assim, assim mesmo que se desejava, para evadir-se, não testemunhar.

Quanto mais cerrava os olhos, menos podia esquecer o pai, principalmente o do retrato da sala de visitas, que, sorridente, continuava segurando a menininha que ela havia sido.

Festa do boi

Comunicaram aos vizinhos: “Vamos ver a Festa do Boi”.

Ficaram todos invejosos. Como era? Onde seria? Vagamente tinham ouvido no programa de rádio que dava máquinas de costura. João Alberto não sabia ao certo; repetia o que lhe disseram na oficina. A coisa sucederia por ocasião da exposição de gado, começando de tarde. À noite, depois de os animais desfilarem, artistas de televisão cantariam para o povo.

- Tem também churrasquinho de espeto...

- Mas pago?

- Que conversa!

Aos mais perplexos, João Alberto explicou:

- Não falta nada pros bichos. Cada vaca tem tratador especial, veterinário, remédio, capim tenro, cana cortada, melação, resíduo. E mais: passam a vitamina o tempo todo.

- Isso tudo pra boi?

- É. Vaca que dá de dois baldes de leite pra cima ganha medalha de ouro, fotografia no jornal e tem direito a aparecer ao lado do governador do Estado.

- E a gente? Que come, que ganha?

- Já disse; churrasquinho e vê o *show*, tudo de graça.

A zeladora da igreja, conquanto se animasse a acompanhar a família de João Alberto, desistiu. Belinha ia para fazer companhia a Julinho, Mariinha, Eusébio e Tantico. Ninguém ficava em casa, podendo jantar sem pagar nada e além do mais ver o espetáculo mais anunciado da semana.

Acertaram sair cedo, querendo pegar lugar. Como estavam faltos de dinheiro, iriam de pé. A mulher objetou quanto a distância, mas o marido doutrinou: “Que mal faz? Ricos, hoje, amanhecem correndo na praia, fazendo exercício; andam para melhorar o coração! Faz de conta que se dá uma de granfa também”.

- A janta é de graça, pai?

- É.

Tem, garapa?

Belinha aborreceu-se. Cessassem as ignorâncias. Tendo churrasco era ó bastante. Desde domingo, comentou, não viam carne na mesa. Precisavam os filhos compreender “que a inflação comia por eles os bons bocados da vida. Portanto, v a lia a pena a viagem para comer, churrasquinho e ver o boi...

A gente podia trazer uma sobrinha. Vou levar um saco plástico.

- Era bom.

- Tu leva também, Tantico.

Sáiram. O dia estava movimentado. Até o Parque de Exposições andavam os grupos animados, chalaceando, a indicar o sucesso da festa. Foram dar a um portão que lhes era interdito. “Aqui só entra bicho”. Contornaram o local de acesso a animais de raça. Tomaram a fila enorme, os homens desassossegados maldiziam a bicha que não se movimentava. A isso, João Alberto combinou para a mulher ficar noutra fila com as crianças.

- Lá dentro nos juntamos todos no serviço de alto-falantes. Tu fica com as meninas e eu, com o, Eusébio.

Assim fizeram. Cada um dos bandos foi para o seu lado; a noite, misturada de suor, gritos e poeira, chegava. Pela área interna da amurada soavam clarins, e as cometas de som acrescentavam avisos, sem contudo acalmar a multidão.

A um dado instante todo mundo pôde compreender que o *show* começava. Aí, então, os que estavam nas filas, desacomodados, deram em se agitar, tentando tomar lugar mais à frente. Para conter a confusão movimentou-se o policiamento. Pretão. fardado e abusado veio para diante de João Alfredo, empurrando-o grosseiro.

- Ei, meu amigo, venha com ordem! - reclamou o operário.

- Não me responda e fique calado.

Alguém xingou o preto de “tição queimado”, e a autoridade afobou. Soprou o apito, que parecia um cigarro prateado, e logo acudiram os companheiros, assanhados.

- Que foi?

- Desrespeitaram a farda?

- Um engraçadinho me diminuindo - contou o preto, arrepiando melindres.

João Alfredo tentou explicar. O moço à frente completou a ocorrência desimportante.

- Ninguém pediu sua palavra! Estou falando com esse paisano aqui.

- Mas eu achei que devia explicar...

- Calado! Quero ver o sacana que me chama de “tição queimado”.

Surgiram protestos. A maioria se proclamava inocente. Sabe de uma coisa? gritou o preto - De onde estou até aquela velha gorda, sai todo mundo da fila. O foco da desordem é aqui.

O tenente que comandava, vindo ver o que sucedia, do alto do cavalo luzidio, decidia:

– Se querem entrar no parque, é melhor obedecer. O praça é preto mas é autoridade.

– Ninguém hoje em dia quer mais cumprir as ordens, seu tenente.

– Mas cumpre. Vamos, gente. Saiam da fila. Atenção, senhoras e, senhoritas! Terminou neste momento no palco principal, lado norte, o monumental *show* que o Governo ofereceu ao povo cearense!

Adiantava discutir? João Alberto, arrastando Eusébio pela mão, foi tomar outra fila, distante. Que horas davam? Mais de sete, imaginou.

– Criança perdida. Atenção, atenção, atenção!!!

– Será o Julinho? – pensou o homem.

– Se chama A mãe dele está vestida de azul e branco, usa óculos e tem sinal na cara...

A fila parecia grudar-se ao chão. Movia-se vagarosa, e o homem a torcer para chegar ao portão; entrar. No fundo, João Alberto arrependia-se de ter caído nessa. Ansiava chegar aonde combinara encontrar a mulher, sem mais querer ver boi ou comer churrasco. A vontade era de voltar para casa.

Afinal, ultrapassou a borboleta, ouvindo o porteiro avisar para o fiscal: “Mais de oito mil e duzentos com este dentro do curral”.

Pensou rebater o que o outro dissera, mas diante do posto de informação do Parque, avistou Belinha. Julinho parecia desmaiado. Maninha tinha o vestido rasgado, choramingava, enquanto a multidão passava indiferente.

– Que foi?

– Nada. Só muita falta de educação, canalhice.

– Conta. Tudo está em tempo de chorar.

- Bobagem. É que quando chegamos, tinha uns restos...
- Chegando aonde?
- No balcão das comidas. Pois bem, os homens que serviam gozavam a gente. Teve um que disse: “Churrasco aqui, agora, só de mulher com fome...” A menina chorava, e eu...

João Alberto exaltou-se:

- Onde é isso, que quero ir tomar satisfação com esse sujeito mal-educado! Uma coisa dessa não acontece perto de mim!

- Mamãe! Quero ir embora!

- Te cala! - brigou o operário, sem se conter de raiva.

- Pai, quero ver o boi... - pedia Eusébio.

- Que boi que nada!

- Contenta ele, homem! É melhor do que essa zanga que não dá em nada. Vai-se ver o boi e depois vamos embora.

Foram ao pavilhão dos animais de raça, João Alberto resmungando o tempo todo. Tinha vaca tomando banho, outra sendo penteada por um mulato falante, orgulhoso do que fazia. Os cabelos dele estavam assanhados, mas o pelo da vaca se acamava certinho, brilhando, como se tivesse recebido porção grande de vaselina. Adiante, alguém tomava a temperatura a um touro zebu, que exibia no pescoço reluzente medalhão de ouro.

- Deu as vitaminas? - indagou o senhor que fiscalizava o mulato.

- E o cálcio americano.

- Convém manter alguém vigiando, para ver se ele descansa mais à vontade. O dia hoje foi muito puxado. Tive pena dele.

Cheiro adocicado - melaço misturado na forragem servida - chegava ao nariz dos circunstantes, Eusébio se lembrou de bombom.

- Mãe, quero também.
- Só come isso touro e vaca.
- Vamos embora - chamou o pai.

Foram saindo. Belinha, baixo, lastimou-se ao marido:
"Tu podia ter pedido ao menos umas vitaminas... Viste o tamanho do vidro? Tinha bem cem nele... Aquilo pra nós, dava para o ano todo".

Outras pessoas, cansadas, procuravam deixar o parque. Repetia-se o atropelo próximo ao portão principal, muitos querendo sair primeiro para pegar o ônibus. Novamente o pretão fardado, autoritário, parou João Alberto:

- Por sua causa, seu empambado, trabalhei mais do que o ano passado! Não fosse pela mulher, as crianças, tu ia ver, desgraçado!

Cuspiu no chão, enojado. O operário sentiu o respingo no rosto; o outro quisera cuspir-lhe. Viu-se meninote, discutindo; garotão riscando um traço no chão: "É a mãe dele. Pisa nela!" Bastava pisar, aquilo virava gente, como agora o chão, onde caíra a baba do negro intrigante. Era mãe, era pai...

- Que te disse ele, meu bem? - quis saber Belinha.

João Alberto emudeceu. Ela entendeu que ele se contrariara. Tratou então de arrastar os meninos dali quanto antes. Por cima do operário malquistado, da mulher apreensiva e com fome, dos meninos querendo chupar bombom, crescia a voz do locutor da amplificadora:

- Boi bem tratado, bem cuidado, nutre melhor o homem. *O Brasil também é feito por nós.*

Afonso e Genoveva

Genoveva fazia ponto na esquina, o rádio portátil na mão extratada. Fingia-se interessada no que dizia o locutor, alteando o som do aparelho, mas o olho realmente prendia-se em, quem passava. A mão livre ia e vinha alisando o vestido, coquete. Queria apetecer.

- Pega tudo esse rádio? - indagou o alourado, se aproximando.

- Tudo que é estação, até as de fora.

- É de onda curta! - admirou-se o homem.

- Não havia de ser? Da Zona Franca, presente de amigo.

Descansou o receptor no parapeito da janela. Por exibicionismo, mudou a sintonia, firmando o ponteiro noutra estação. À animação da voz arrevesada, exclamou:

Tem lá quem entenda, essa língua!

- Será francês?

- Pra mim isso é galegada!

O riso dela, desatado, projetava dentão de ouro caprichado, que luzia. O desconhecido, a pretexto de controlar a sintonia, segurou-lhe a mão. Não era um qualquer, esclareceu. Negociava com remédios e drogas.

- Me chamo Afonso. Você mora longe? Bem pertinho...

- Teu nome é Maria?

- Que nada! Minha mãezinha era letrada, de cozinha e forno. Nós fomos dez, cada um com nome tirado de leitura Tem Madalena, Praxedes, Lourdes, Beatriz, Suzana...

- Quer dizer que tua mãe tinha dinheiro?

- Coragem! Trabalhava noite e dia pra nos educar. Não deu, né. Vida difícil, tinha de comprar à prestação. Naquele tempo não se falava em Mobral mas já existia a tal da inflação.

- Fala teu nome.

- Genoveva. Aqui na zona só me tratam de Genoca.

- Nome de professora.

- Me disseram isso umas poucas de vez.

Pararam defronte a casa. Ela retirou a chave do porta-seios inflado de vigor, vendo o homem, curioso, espiar o fundo do decote. Aberta a porta, Genoveva convidou-o a acompanhá-la. Foi-se na frente, a saia baralhante ao mexido dos quadris.

- Não tendo companhia, me sento na sala, o rádio aceso.

- Tu já devia ter comprado um televisor - falou ele, assim por acaso.

- Deixa pra lá! Acho televisão tão sem segredo! Vê-se logo tudo nela, não fica nada pro pensamento completar. Rádio é diferente. Pelo menos pra mim. Pelejo até descobrir se o artista que fala bonito é baixo ou alto, se tem mãos delicadas, o olhar derretido...

Acomodou o aparelho e a música numa mesinha de toalha de retalhos. O vendedor despia o paletó, silencioso. Aceitou sentar-se no banquinho de veludo vermelho, que ela sugeriu. Ao reacender o cigarro, confessou:

- Tem de ser ligeiro. Tu sabe...

Genoveva sorriu. Conhecia esse tipo de homem. Seguiu para o quarto contíguo à sala, onde a cama se esten-

dia, apertada, sob vestidos e peças Intimas dependuradas em cabide improvisado. A penteadeira, atravessada a um canto, aumentava a sensação de desconforto. Ela admitia, justificando:

- Entende, criatura. Quem constrói essas casas do BNH não sabe como se mora nelas. Mas trago tudo limpo. Passa o dedo. Nem pó tu vai encontrar.

Não demorou chamar por ele. Já se deitara, a traute-ar a melodia que escapava do rádio.

- Assisti todinho o festival que premiou essa canção. Legal!

O vendedor estirou-se ao lado dela.

- A combinação, não tira não?

- Pensei que a gente ia primeiro conversar...

- Um pouquinho - admitiu o homem.

Ela pôs-se a contar que no início estranhara aquela vida, as mil decepções experimentadas. Com o passar do tempo, ganhando conceito entre os clientes, melhorou tudo. Agora até gente importante fazia ponto ali.

- Me deitei já com um gerente do Banco do Brasil.

- Verdade?

- Minto não! - Mudou de posição para refletir-se no espelho da penteadeira. Apreciava ver-se nua sobre a cama.

- Reparaste nas outras pra me escolher, foi?

Ele assentiu.

- É assim. Quem vem aqui sempre se engraça de mim. Essas tais por aí são gentinha. Nada prá dar. Nada pra garantir aos homens. A degas aqui tem saúde para emprestar. Toca aqui.

Ele empurrou o dedo na barriga dela.

- Na minha idade toda mulher tem carne mole. Você - parou para desculpar-se da intimidade - está admirado, não é? Sou durinha, sou?

- Tens uns trinta anos?

- Vira pro mar tua boquinha, querido! Vou saindo dos vinte e cinco. Acontece que engordo fácil. Não posso é tocar em sorvete e chocolate. Engordo aos pulos! Conta ai nos dedos. Nasci em 1946...

- Hum, hum...

- Sou do mês das flores...

- É por isso que você é jasmim puro.

- É meu perfume, bicho!

O vendedor tomou-a nos braços, apertando-a.

- Tu estás doidinho por mim, né? Ah se a gente tivesse mais tempo! Fica pra dormir – pediu.

Ele simplesmente sorriu. Depois, num repente, machucou-lhe os peitos com as mãos fortes.

- Ai, doido! Dá câncer!

Estava feliz. A semana, sem ninguém entrar naquele quarto, havia até perdido o gosto de homem. Afonso caíra-lhe do céu. Quem sabe? A partir desse momento poderiam começar uma simpatia recíproca. O mundo tinha caprichos. De repente ele podia acabar apaixonado por ela.

Segurou a mão do vendedor, a esquerda, para lhe descobrir a aliança. Ah – ia imaginando –, deve ser um tipo que prefere se amigar.

Deu-se a ele de muitas maneiras. Esforçou-se como nunca para o homem não se decepcionar.

- Como tu quer agora?

Afinal, ele cansou. Ela também sentia-se afadigada, de corpo úmido. O radiozinho na sala, fora de sintonia, chiava. O vendedor propôs:

- Melhor eu ir fechar o rádio.

- Vai, bem. Torce o primeiro botãozinho. Vira pro lado de cá. Ai! Estou aniquilada. Parece que levei uma surra.

- Coitadinha. Pois então, minha filha, fique aí de estado. Descanse. E tome fôlego, que lhe vou querer mais.

- Ô homão bom de trato! Me dá um beijo.

Pendurou-se no pescoço dele, mas quem beijou foi ela. Viu-o ir-se, espreguiçando-se, em direção ao ruído do receptor. Fechou os olhos. Era um sonho! Um encontro desse não estava nos seus desejos. Ao chegar aos quarenta disfarçados, o vendedor de remédios e drogas representava o esperado encosto, garantia para o futuro. Andava nauseada de ter de ir para a cama com homens diferentes, sem nunca achar o de sua conveniência própria. “Afonso e Genoveva”. Dava certo o par – e a esse pensamento ela arrepiou-se de entusiasmo e desejos. Ai, Jesus, tinham vindo ao mundo talhados um para o outro!

Afonso podia até desconfiar dela, mas, passando os dias juntos, ia se convencer do passo acertado dado. Não sendo adivinho, como imaginar seu procedimento, a maneira cuidadosa de lidar com a casa? Quando ele retornasse ao quarto, ia-lhe contar as mil artes que possuía. As da cama, já sabidas, e as domésticas. Ah, ai o homem restaria feliz. Podiam até comprar um televisor...

- Afonso, vem Jogo, bem. Vem!

Ah, ele havia de dormir com ela! Que noite iam ter!

Mais que depressa, levantou-se; foi enxugar o suor numa toalha florada que apanhou ao baú, a única que possuía. Aproveitou o instante para empoar-se, exagerando a água de colônia (ele não apreciara o cheiro?) e se meteu novamente na cama. Prometia-se a si mesma não se repetir, oferecer-lhe algo diferente, um quer que fosse que a vida inteira o fizesse quedar sensibilizado.

- Vem, Afonsinho, vem...

Entrando pela porta da frente – ela não atinou por que estava aberta – o vento forte da noite remexeu enfei-

tes, movimentou os quadros de recortes de revista, a drapejar vestidos e peças íntimas penduradas no espaço do quarto.

Primeiro, Genoveva experimentou estranho arrepio, algo assim como calafrio de gripe; depois, percebeu tudo: se se dirigisse à sala, naquele exato momento, ia ver que perdera o homem e o seu radiozinho de estimação.

Dados bibliográficos
do autor

Manuel *EDUARDO* Pinheiro *CAMPOS* nasceu no Município de Pacatuba, a 11 de janeiro de 1923, filho de Jonas Accioly Pinheiro e Maria Dolores Eduardo Pinheiro; Estudou no Ginásio Fortaleza e no Liceu do Ceará, tendo aí cursado o antigo pré-jurídico, concluindo o ensino preparatório. Ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, em 1943, de onde saiu bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Ainda acadêmico, iniciou-se na radiodifusão como locutor da Ceará Rádio Clube, empresa da qual é funcionário e diretor. Iniciou-se nas letras escrevendo, dirigindo e representando peças de teatro. O ano passado, o Ceará comemorou festivamente os seus quarenta anos de autor. Seu primeiro livro foi escrito em 1942, contos, *Águas Mortas*, publicado por Edições Clã no ano seguinte e acolhido entusiasticamente por escritores do porte de Mário de Andrade. Sempre desenvolveu atividades profissionais ligadas ao rádio, à televisão e ao jornalismo de sua terra, tendo exercitado nelas as funções mais diversificadas, até culminar com a Superintendência dos veículos de comunicação que integram os “Diários Associados” do Ceará. Não obstante sua intensa atuação, jamais deixou de diligenciar nas letras, e a tanto escreveu livros de contos (*Face Iluminada, A Viagem Definitiva*, etc.), peças de teatro

(*O Anjo, O Demônio e a Rosa*, etc.) romances (*O Chão dos Mortos e Á Véspera do Dilúvio*), folclore e ensaios (*Folclore do Nordeste, Estudos do Folclore Cearense, Complexo de Anteu*, etc.), não sendo menor a cópia de produções especiais para rádio e televisão, além de texto (*Os Deserdados*) finalista em concurso dramático, de televisão, em Barcelona, realizado em 1967. Durante dez anos seguidos dirigiu a Academia Cearense de Letras, como operoso presidente, ocupando ali a cadeira 22. É membro do Instituto do Ceará, presidente do Conselho de Cultura e atual Secretário de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, (Governo Virgílio Távora). É verbete de enciclopédia (Grande Enciclopédia Delta Larousse); possui contos vertidos para o inglês, francês, italiano e alemão; trabalhos insertos em 14 antologias. É Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará. Ostenta importantes comendas, a do Mérito Tamandaré e Medalha do Pacificador, outorga da Marinha e do Exército, respectivamente. Cidadão Honorário de Fortaleza, de Sobral e do Crato. É autor dos originais dramáticos mais representados no Ceará, *Morro do Ouro* e *Rosa do Lagamar*. É casado com d. Heldine Cortez Campos. São seus filhos: Eduardo Augusto Cortez Campos e Elnina Márcia Cortez Campos.